

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**O CONFLITO SÍRIO E OS RISCOS PARA O PATRIMÔNIO DA
CIDADE DE PALMIRA**

DIEGO RABELO NONATO



Universidade Federal de Santa Catarina

Curso de Museologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENADORIA ESPECIAL DE MUSEOLOGIA
CURSO DE MUSEOLOGIA

DIEGO RABELO NONATO

**O CONFLITO SÍRIO E OS RISCOS PARA O PATRIMÔNIO DA
CIDADE DE PALMIRA**

FLORIANÓPOLIS – SC

2017

DIEGO RABELO NONATO

**O CONFLITO SÍRIO E OS RISCOS PARA O PATRIMÔNIO DA
CIDADE DE PALMIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Museologia da
Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Márcio Voigt

FLORIANÓPOLIS – SC

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

RABELO NONATO, DIEGO
O CONFLITO SÍRIO E OS RISCOS PARA O PATRIMÔNIO DA
CIDADE DE PALMIRA / DIEGO RABELO NONATO ;
orientador, Márcio Voigt , 2017.
97 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em
Museologia, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Museologia. 2. Oriente Médio. 3. Patrimônio.
4. Síria. I. , Márcio Voigt. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Graduação em Museologia.
III. Título.

DIEGO RABELO NONATO

**O CONFLITO SÍRIO E OS RISCOS PARA O PATRIMÔNIO DA
CIDADE DE PALMIRA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado a obtenção do título de Bacharel em Museologia aprovado em sua forma final pelo Curso de Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 19 de Julho de 2017.

Banca Examinadora:

Márcio Voigt
Professor da Universidade Federal de Santa Catarina
Orientador

Prof. Fábio Vergara
Universidade Federal de Pelotas

Prof. José Carlos Mendonça
Universidade Federal de Santa Catarina

Ao camarada Frederico Pérez com quem, infelizmente, tive poucas oportunidades de discutir as questões do Oriente Médio.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Carlos e a minha mãe Elisabete por toda paciência nesta longa jornada. Um dia pareceu que eu não conseguiria formar;

A minha irmã Ana por toda paciência, antes, agora e a que ainda terá;

Aos meus dois irmãos Patrícia e Kayo pelas trocas e aprendizados;

A minha avó Lindaura;

Ao coletivo O Estopim! sem dúvidas, a coisa mais incrível que eu tive a oportunidade de construir e colaborar. Sentirei as suas derrotas e vibrarei com as suas vitórias como se fossem minhas para sempre;

Ao movimento estudantil a quem devo tudo que eu aprendi;

Ao camarada Frederico Perez com quem tive a oportunidade de morar no mesmo quarto da Residência Universitária 5 da UFBA, durante 4 anos, e construir a mesma organização. Agradeço a sua família que, em alguma medida, também se tornou a minha. Guardarei a sua memória aonde quer que eu vá;

Aos camaradas\amigos que fiz no movimento estudantil: Wanderson, Léo, Celmário, Jonathan, Rondinei, Mondego, serei eternamente grato pelo aprendizado;

A minha camarada\amiga Taisa, a única pessoa no mundo que eu confio os meus textos antes de publicá-los. Nem sempre estive a altura da nossa amizade. Obrigado pela paciência;

A União Nacional dos Estudantes (UNE) pela oportunidade de ter feito parte da sua história enquanto diretor;

Ao Diretório Acadêmico de Museologia da UFBA, consertaria este ou aquele erro, mas essencialmente faria tudo novamente. Foi uma bela jornada;

A EXNEMUS por ter me dado a oportunidade de ser o seu primeiro coordenador geral. Fundá-la foi uma das grandes coisas que tive a oportunidade de realizar;

Aos amigos que fiz no movimento estudantil de área, João Pedro, Fernando e Paula. Nos encontraremos nas estradas profissionais da vida;

A ilha mais linda do mundo, Florianópolis, que me acolheu e me deu a paz que eu precisava para poder seguir. Espero poder voltar;

Ao amigo Pedro Nogueira que me recebeu e me aturou durante um mês inteirinho na sua casa assim que cheguei a ilha.

Ao companheiro Paludo pela paciência, aprendizado, confiança e aposta.

Aos amigos que fiz em Floripa; Rafa, Zé Carlos, Ismael, João, Cris, Steven, Lisi, Ana Flávia, Maristela e o pessoal do Futebol Do Poker (FDP), foi uma pena ter me lesionado e não ter podido jogar mais;

A Ufba, pois, mesmo não me formando por ela, sempre foi a partir dela que tudo aconteceu. Espero poder voltar e de alguma forma retribuir;

A UFSC por ter me recebido em dois cursos diferentes;

Ao LASTRO pelo aprendizado.

Ao meu Orientador Márcio Voigt pela simplicidade, correção e paciência, nem sempre foi possível encontrar essas coisas no caminho. Espero poder continuar provando a minha capacidade acadêmica;

Aos trabalhadores deste país que propiciaram a minha jornada na Universidade;

Por fim, agradeço a luta e a coragem dos povos do Oriente Médio que me estimula todos os dias a continuar a narrar a sua versão dos fatos onde quer que eu esteja. Um dia, em breve, estarei entre vocês. Vida longa à resistência!

Com a condição de jamais serem entendidos de forma estática, pois o capitalismo é a sociedade com maior mobilidade social da história humana, é possível identificar cinco grandes níveis de consciência política existentes na totalidade da sociedade capitalista. Cinco tipos de enquadramento teórico para expressar quantidades de pressupostos acumulados pelos indivíduos e introjetados a ponto de determinarem suas escolhas, atitudes e comportamentos práticos em termos políticos. De uma ponta a outra do espectro ideológico são: a consciência política reacionária (que reage contra a evolução política ou social); a conservadora (contrária a mudanças ou adaptações de caráter moral, social, político, religioso, etc.); a senso comum (que naturaliza e reproduz ideias e práticas dominantes); a progressista (favorável a transformações e reformas sem ruptura) e a revolucionária (favorável a transformações radicais que apenas podem se realizar por meio de rupturas).

José Carlos Mendonça. Trabalho, autonomia e formas institucionais. Curso ministrado em Florianópolis, 2016.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso visa a caracterizar e contextualizar o conflito na Síria que levou à destruição de parte do patrimônio da cidade de Palmira, mais de trezentos mil mortos, além de milhões de refugiados internos e externos. Ao situar a guerra nas disputas geopolíticas presentes na região, desmistifica-se a ideia orientalista, muito presente nas interpretações ocidentais, que atribui a religião todo o peso da disputa. O país em questão está alçado ao centro de grandes rivalidades regionais que fez repercutir o surgimento do mais famoso grupo terrorista da atualidade, o *Daesh*, ainda que não seja a Síria a sua origem. Este grupo, ao inovar e sofisticar a sua forma de atuação, adentrou a cidades históricas no Iraque, no Afeganistão, na Síria, etc, lançando mão da destruição de sítios arqueológicos e patrimônios históricos classificados pela UNESCO. Sobretudo, este tipo de tática, ao revelar ao mundo a necessidade de combater os terroristas, também expõe o constrangimento dos atores e potências ocidentais diretamente implicadas no fortalecimento e instrumentalização destes grupos. Ao tentar explicar a complexidade deste conflito, o presente trabalho tenta atacar pontos fundamentais como a geopolítica global e regional, a questão da proteção do patrimônio em zonas beligerantes, a questão humanitária, bem como as relações políticas expressas no mundo, a partir do Oriente Médio.

Palavras chave – Oriente Médio, Patrimônio, Síria.

ABSTRACT

The present work of course completion aims to characterize and contextualize the conflict in Syria that has led to the destruction of part of the patrimony of the city of Palmyra, more than three hundred thousand dead, besides millions of internal and external refugees. By situating the war in the geopolitical disputes present in the region, the Orientalist idea, very present in Western interpretations, is demystified, which attributes religion to the full weight of the dispute. The country in question is now at the center of great regional rivalries that have reflected the emergence of the most famous terrorist group of today, Daesh, although Syria is not its origin. This group, by innovating and refining its way of operation, has entered historic cities in Iraq, Afghanistan, Syria, etc., and has used the destruction of UNESCO-classified archaeological sites and heritage sites. Above all, this type of tactic, by revealing to the world the need to combat terrorists, also exposes the embarrassment of Western actors and powers directly involved in strengthening and exploiting these groups. In attempting to explain the complexity of this conflict, the present paper attempts to tackle fundamental issues such as global and regional geopolitics, the issue of heritage protection in belligerent zones, the humanitarian issue, as well as the political relations expressed in the world, from the Middle East.

Keywords - Middle East, Heritage, Syria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Mapa de Sykes – Picot após queda do Império Otomano	30
Figura 02 - Mapa de fronteiras da Síria	31
Figura 03 - Colinas de Golan	36
Figura 04 - Península do Sinai em rosa e Golã ao norte de rosa escuro	46
Figura 05 - Mapa da localização de Palmira	77
Figura 06 - Arco Triunfal ou Arco do Triunfo Templo de BaalShamin antes da ação do Daesh, 2010.....	78
Figura 07 - Arco Triunfal /Arco do Triunfo Templo de BaalShamin, em Novembro de 2015.....	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Daesh – Estado Islâmico

ELS – Exército Livre da Síria

ONU – Organização das nações unidas

UNESCO - A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

VITSOM - Centro russo de pesquisa sobre opinião pública

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	21
2. SÍRIA: UM BREVE HISTÓRICO DA SUA FORMAÇÃO TERRITORIAL A PARTIR DO TRATADO SYKES-PICOT	27
2.1 A FORMAÇÃO DO GOVERNO SÍRIO	32
2.2 O QUE É O PAN-ARABISMO?	39
2.3 CONFLITOS COM ISRAEL.....	44
3 A LOCALIZAÇÃO DA SÍRIA NO CONTEXTO DO ORIENTE MÉDIO	49
3.1 DOIS PROJETOS: O ARCO DA HEGEMONIA X O ARCO DA RESISTÊNCIA	55
3.2 O JIHADISMO COMO FERRAMENTA PARA DESESTABILIZAR GOVERNOS.....	57
3.3. PRIMAVERA OU OUTONO ÁRABE?	60
3.4 A SÍRIA COMO PIVÔ CENTRAL.....	65
3.5. A INTERVENÇÃO RUSSA E O REEQUILÍBRIO	67
3.6. CATÁSTROFE HUMANITÁRIA	72
4 A DESTRUIÇÃO DO PATRIMÔNIO DE PALMIRA.....	76
4.1 A PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO NA SÍRIA.....	80
4.2 A ESTÉTICA DA VIOLÊNCIA	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS.....	90

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa situar e explicar a situação do conflito sírio, de 2011 a 2017, dentro dos seguintes contextos: nacional, regional e geopolítico. Para isso, foi necessário um breve resgate da composição histórica da formação da Síria, de modo a explicitar os seus componentes étnicos, religiosos e territoriais desde o tratado de Sykes-Picot¹. Em seguida, pretendo explicar como se chegou à atual configuração política liderada pelo partido socialista árabe Baath e sua linha de sucessão com os Assad, pai e filho. Esse desenvolvimento permitiu que fosse possível adentrar nas questões atuais que envolvem a Síria, seus conflitos internos, até a destruição de parte do patrimônio histórico da cidade de Palmira pelo Daesh² e as técnicas para a sua restauração.

Sendo assim, o trabalho pretende descrever o atual cenário sírio de modo a contribuir para a compreensão do tema aparentemente distante, mas tendo absoluta ciência das suas dificuldades diante da infinidade de variáveis que cercam a questão. Diante dos fatos, procurei tomar o cuidado para não ser absorvido pelas inúmeras variáveis que envolvem o Oriente Médio, que facilmente podem arrastar a análise para uma infinidade de interpretações a depender da escolha do ângulo. Neste momento em que finalizo a monografia, as diversas forças em conflito se enfrentam em um decisivo combate que pode ser o princípio do fim de todo esse morticínio vivido em território sírio.

As fontes para a pesquisa e citações do trabalho foram matéria de imensa dificuldade por se tratar de um fato absolutamente

¹ Nome do tratado que definiu as fronteiras do Oriente Médio. Em grande medida são como as conhecemos na atualidade. Refere-se a dois diplomatas, o primeiro inglês Mark Sykes e pelo francês François Georges-Picot. Fonte: <http://brasileiros.com.br/tag/acordo-sykes-picot/>.

² Como a revista *The Economist* explica, o nome chamado ao Estado Islâmico foi mudando com a própria evolução da organização terrorista, e com a forma como foi ganhando território e influência. Daesh é uma possível abreviatura árabe do nome Estado Islâmico do Iraque e do Levante, uma das formas como a organização terrorista se auto intitulou ao longo da sua existência. Mas a abreviatura não agrada aos membros do grupo extremista, que ameaçam chicotear quem a usa. A palavra Daesh é parecida, no som, a palavras árabes que significam "esmagar, esmigalhar ou esfregar", uma conotação considerada ofensiva pelos terroristas, que preferem chamar ao grupo al-Dawla, ou o Estado. Entendendo o conflito como uma guerra de narrativas e de batalhas, sobretudo semânticas, opto por essa nomenclatura e a utilizarei ao longo do texto.

contemporâneo e os seus desdobramentos continuam se delineando e se definindo neste exato momento que concluo esta exposição. Mesmo assim, busquei reunir um número razoável de fontes que estivessem equilibradas quanto ao seu comprometimento político, ou seja, relevantes para os principais lados em disputa, sem perder o horizonte histórico dos fatos e tentando destacar os aspectos incomuns das abordagens e a checagem numérica das baixas. Outro aspecto de grande dificuldade foi que esta tarefa, talvez a mais difícil de toda a elaboração, foi a questão de achar materiais em língua portuguesa, tendo em vista que as produções de grandes portais de notícias são feitas em francês, inglês, além do próprio árabe.

Este tipo de material não é facilmente encontrado no Brasil e nos meios acadêmicos dos quais dispomos, mas, superada a dificuldade dos materiais de pesquisa, penso que foi possível combinar as diferentes abordagens com a necessária análise política dos fatos. Essa questão torna-se muito importante por conta da necessidade de construir uma produção que fugisse de uma argumentação meramente panfletária como inúmeras vezes pode-se perceber a cada vez que o tema voltava ao centro do noticiário. Sobretudo, há sim uma escolha de narrativa que simpatiza com o que chamo de “Arco da Resistência”.

Há no trabalho uma importante lacuna mas, absolutamente insolúvel do ponto de vista do objetivo do mesmo, que é um maior detalhamento e esclarecimento sobre a formação dos grupos de oposição sírios, principalmente formados ou surgidos a partir das Primaveras Árabes. No momento em que há um profundo recrudescimento da violência com os grupos jihadistas mais tradicionais, explicar o papel da oposição síria, seja ela armada ou desarmada, levaria há nível de detalhamento que facilmente poderia fazer-me perder. De toda forma faço o registro de que esses grupos aqui não entraram com grande ênfase e o desenvolvimento dos acontecimentos parece cada vez mais antagonizar o governo sírio com os grupos salafistas secundarizando o papel do que o ocidente chama de “rebeldes moderados”.

Ficará para uma elaboração futura que deste trabalho poderá desdobrar, como uma pós-graduação ou especialização, o papel que a intelectualidade desta oposição, bem como um maior aprofundamento sobre o papel dos mais variados grupos políticos neste processo. O certo, e tento demonstrar ao longo dos dois primeiros capítulos, é que o conflito sírio rapidamente se transformou suas proporções, combatendo a tese ainda presente de se tratar de mais uma das guerras civis herdadas da Primavera Árabe. Ao contrário, a pesquisa indicou que se houve algo de civil ele rapidamente se transformou em um conflito de proporções

geopolíticas, culminando com o estacionamento dos caças russos na base militar que possuem na Síria.

Contudo, o problema da pesquisa consiste em demonstrar o patrimônio da cidade de Palmira frente à geopolítica regional. Além disso, busca-se contribuir com a limitada produção acadêmica sobre a temática, sobretudo, por conta da enorme velocidade dos acontecimentos em campo, que fazem da Síria o principal holofote de crise humanitária do século XXI. Junto a isso, é necessário combinar o tema da geopolítica a questão do patrimônio histórico e sua relevância no âmbito dos Direitos Humanos, superando o tecnicismo museológico que por vezes não parece atentar com o que cerca os objetos que pretende preservar. Sendo assim, a pergunta que motiva este esforço laboral é: como demonstrar a importância da geopolítica, em específico à Síria, no intuito de contribuir para preservação do patrimônio histórico, em específico da cidade de Palmira?

Neste sentido, busco superar o estigma religioso com o qual os colonizadores europeus conseguiram carimbar o Médio Oriente, como sendo parte de um conflito essencialmente religioso. Desenvolvo ainda que, Sunitas, Xiitas, Alauitas, Curdos, Cristãos, Maronitas, Drusos e outros grupos religiosos, parecem se movimentar por interesses e muitos objetivos, que passam distante dos dogmas religiosos e das caricaturas orientalistas que definem os árabes e muçulmanos, de um modo geral, como sempre prestes a cometer um atentado terrorista contra o mundo “civilizado”, ou seja, ocidental. Essa classificação é designada pelo professor de Direito Internacional da Fundação Getúlio Vargas, Salem Nasser, como sendo “classificações sectárias”, que existem, mas que devem ser afastadas da interpretação objetiva dos interesses jogados na região.

A dramaticidade entre a polarização geopolítica ganha contornos em uma questão de modo de vida, contestada pelo que se chama de “Estado Islâmico”, o qual me refiro unicamente como “*Daesh*” e se configura na destruição do patrimônio de Palmira. Sendo assim, foquei em duas questões: a primeira, que é o elemento político, central na interpretação regional que faz da Síria hoje o principal cenário de disputas entre dois polos, os quais chamo de uma disputa entre um “Arco da Hegemonia” e outro “Arco da Resistência”; e a segunda, que demonstra como o grupo *Daesh* promoveu uma das maiores destruições de registro da história humana.

Para conceituar e contextualizar a questão do patrimônio histórico de modo a demonstrar a sua importância cultural, política e civilizacional para os povos, foi necessário recorrer aos conceitos

balizadores trabalhados no campo. Combinado a isso, tentei aplicá-lo ao cenário do conflito sírio, utilizando como exemplo a cidade histórica de Palmira, que fora recuperada pelo exército regular do governo com apoio da aviação russa, das forças especiais do Hezbollah³ libanês e os assessores militares iranianos que compõem uma aliança. Parte do patrimônio fora destruído pelo Daesh, bem como dilapidado e escoado para o mercado alternativo de obras de arte e artefatos que representam um dos aquecidos comércios do capitalismo contemporâneo.

Infelizmente, pela extensão deste tipo de trabalho, fui obrigado a escolher apenas o primeiro período de ocupação do Daesh em Palmira entre maio de 2015 e março de 2016, onde alguns dos mais importantes artefatos e ruínas foram gravemente danificadas. Em dezembro do mesmo ano, o Daesh retornou a Palmira, após uma escalada fulminante do Arco da Resistência em direção à cidade de Aleppo, quando ficaram desguarnecidas as posições do exército sírio. Alguns dos indícios⁴ apontam o envolvimento da coalizão liderada pelos Estados Unidos, a fim de instrumentalizar o grupo terrorista a desestabilizar o governo de Bashar Al Assad e substituí-lo por outro aliado. Diversos órgãos de imprensa, inclusive no Brasil, veicularam essa hipótese, contribuindo assim para uma segunda batalha que extrapola o terreno físico do campo e se encontra nos diversos tipos de informação.

Quando perguntado sobre os motivos de tanto interesse sobre Oriente Médio, Nasser diz que a região é coração do mundo e que sua história é repleta de lutas de conquista, mas também de um grande encontro de civilizações há milênios, sendo parte estruturante da história do comércio mundial (NASSER, 2014). Repleto de riquezas, de trocas e de influências capazes de produzir uma profunda relação entre os seres humanos influenciados pela sua dinâmica, a importância do Médio Oriente para a história das civilizações se revela de diversas maneiras. A aparente distância daquela região demonstra-se falsa quando deparamos nos mais diversos países, inclusive no Brasil, com tantos

³ O Hezbollah, que em árabe significa 'Partido de Deus', é uma força islâmica xiita com estrutura similar à do Exército e, ao mesmo tempo, um grupo político com sede no Líbano. Nasceu após a invasão israelense ao país ainda na década de 80 e hoje representa a principal força militar capaz de combater o exército sionista chegando a expulsá-lo dos territórios libaneses em duas oportunidades (2000-2006) Fonte: Arquivo N. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y1zDmhugY6A>.

⁴ Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/assad-afirma-que-jihadistas-chegaram-a-palmira-com-apoio-dos-eua-20161214110003129587.ghtml>

sobrenomes advindos das culturas árabes. Costuma-se dizer em geopolítica que quem é “grande” do ponto de vista global, necessariamente demonstra a sua força política e militar naquela região. Essa assertiva talvez ajude a entender parte dos interesses frequentemente projetados para os países e sua infinita disputa e transformação política.

Sempre estive atraído pelo tema por questões pessoais e de militância política. Porém, a falta de oportunidade em aprofundar-me na temática impediu-me, durante algum tempo, de desenvolver qualquer tipo de análise sobre os fatos que acontecem ali. A “Primavera Árabe”⁵ foi o fator que jogou luzes sob o que acontecia naquela parte do mundo, proporcionando uma maior atenção para a interpretação dos fatos. Uma maior publicidade da questão não a torna mais simples, ao contrário, revela a diversidade de ângulos, seja através dos países, dos Direitos Humanos, da geopolítica que a temática pode proporcionar.

A Síria vive, sem dúvidas, o maior conflito do século XXI e a região de Palmira, na qual estudo os danos ao seu patrimônio, esteve sob a direção do Daesh, em um primeiro período, até o início de março de 2017. As fontes brasileiras, a chamada grande mídia, salvo raríssimas exceções, produz um jornalismo de qualidade duvidosa e altamente tendenciosa em alinhamento com o ponto de vista americano sobre os fatos. Logo, me restou o desenvolvimento do trabalho com as fontes das agências de notícias alternativas, em alguns casos, mesmo assim, foi necessário fazer uma triagem sobre o que acontece no terreno. De qualquer maneira, jamais ousaria arriscar uma neutralidade, mesmo porque talvez não seja possível, mas procurando interpretar as questões a partir dos fatos geralmente aceitos.

Um dos autores trabalhados no contexto geopolítico da região é Salem Nasser, que na opinião deste quem vos escreve, é o melhor analista do tema em língua portuguesa. Paul Ricouer (2010) contribui nas formulações sobre as questões da formação do patrimônio; Edward Said me permite localizar este trabalho no contexto de um ocidental. Assim, através da junção deste conjunto de conteúdos imprimo uma interpretação pautada no materialismo histórico e dialético sobre o que acontece no terreno de batalha sobre influência de Coggiola e Chomsky.

⁵ Fenômeno político que proporcionou levantes populares em diversos países do Oriente Médio por mais democracia, mais participação política e mais abertura, tendo como o estopim a morte de um comerciante, na Tunísia, que ateu fogo ao próprio corpo, após ter seus bens de trabalho confiscados pelo governo. Fonte: Síntese elaborada pelo autor.

Por fim, diante do necessário recorte sobre o que devo tratar, organizei este trabalho em três capítulos no intuito de aprofundar somente o essencial para a realização desta monografia, que são: 1. Síria: um breve histórico da sua formação territorial a partir de Sykes-Picot; 2. A Síria localizada na geopolítica do Oriente Médio; 3. O Daesh e a destruição do patrimônio cultural de Palmira. Essa estrutura permitiu que pudesse explorar algumas coisas com um pouco mais de profundidade, contudo sem grande vastidão. Penso que um Trabalho de Conclusão de Curso tem uma série de limitações de abordagem que incidem na sua produção. Contudo, à vontade em aprofundar mais as questões relacionadas à geopolítica Síria e as questões do patrimônio me acompanham para seguir em frente com o presente trabalho em novas esferas da academia como o mestrado e doutorado.

2. SÍRIA: UM BREVE HISTÓRICO DA SUA FORMAÇÃO TERRITORIAL A PARTIR DO TRATADO SYKES-PICOT

A Síria tem provavelmente a capital mais antiga do mundo, o que contribui com os pilares civilizacionais tal como os conhecemos. Damasco na Síria, com toda a sua riqueza cultural, seu patrimônios histórico, suas construções arquitetônicas, seu pluralismo religioso e a laicidade do seu Estado desde 24 de outubro de 1945, quando do primeiro mandato francês, é hoje a fortaleza de comando do governo, em um palco onde se desenrola uma sangrenta guerra que há muito tempo deixou de ser civil. Sem exageros, a capital síria passou a ter um grande peso geopolítico sendo de extrema relevância para o mundo árabe.

Quem hoje vê a Síria mergulhada em dor e sofrimento, onde as notícias mais comuns se tornaram as imagens assustadoras do drama dos refugiados não consegue mensurar a prosperidade, pujança e fartura que o país demonstrou ao longo das décadas.

O país possui uma extensão territorial de 184.050 km², está dividido em 14 regiões administrativas, e possuiu um PIB de mais de US\$ 67 bilhões (NASSER, 2016). Sua economia, se comparada a outros países da região, mesmo que mais diversificada, é baseada no tripé agricultura, indústria da mineração e produção de energia, tendo na exploração de gás natural uma das suas principais fonte de receitas. A agricultura tem como principais produtos o cultivo de azeitonas, frutas, legumes, verduras e algodão. A indústria, por sua vez, atua nos segmentos químico, petroquímico, de couro, têxtil e alimentício.

A população Síria, antes da crise dos refugiados, beirava os 23 milhões de habitantes e o país crescia devido aos investimentos industriais na área de petróleo e gás, segundo o relatório do Centro Sírio para Pesquisa de Políticas, com sede em Damasco, e patrocinado pela Organização das Nações Unidas e Fundo Monetário Internacional (ONU, 2016).

Acima de tudo, a Síria acumulou ao longo dos tempos relevância e foi uma região de comércio importante através dos portos do Mediterrâneo, valorizada por uma sucessão de impérios da Mesopotâmia. Contudo, a contextualização histórica da atual fotografia da cena síria será retomada neste trabalho a partir de cem anos atrás, com o final da primeira guerra mundial e o acordo que proporcionou a divisão territorial tal como a conhecemos hoje.

Os corpos nem bem começaram a esfriar com o final da Primeira Grande Guerra Mundial e as potências imperialistas do século XX já

iniciavam o seu processo de pilhagem e partilha. A aliança encabeçada por franceses e ingleses já começava a trabalhar sobre o que fazer após a queda do Império Otomano⁶ e como dividir aquela região, tão estratégica para qualquer nação que pensasse o mundo como o seu tabuleiro de xadrez. A baixa popularidade dos imperialismos franco-britânicos obrigava uma solução que começou a ser tralhada em segredo e diz respeito às fronteiras do Oriente Médio até os dias atuais.

Nasser (2016) considera essa reflexão de forma mais profunda diante dos superficialismos de diferentes analistas e intérpretes em Oriente Médio ao discorrerem sobre o tema ao pontuar a ação política acima das demais. Para ele, há poucos casos em questão:

Aquela linha, desenhada por um político inglês chamado Sykes e adotada em acordo que este celebrou com um diplomata francês chamado Picot, em 1916, dividia – em plena Primeira Guerra Mundial, nunca é demais fazer notar! – o Oriente Médio em duas áreas destinadas ao domínio imperial de uma e outra potência. O acordo Sykes-Picot fez-se, é claro, em segredo. Em tempos em que o imperialismo perdia “popularidade”, ingleses e franceses disputavam o que viria a ser o espólio do Império Otomano no pós-guerra e a coisa poderia parecer indecente no momento em que os milhões morriam. (NASSER, 2016).

Manter as aparências parece ser uma sofisticação das estratégias de pilhagem e desestabilização de rivais em tempos atuais. Antes mesmo do fim da guerra, franceses e britânicos, calculando os espólios do morticínio e visando posicionarem-se nas disputas por influências futuras, também entre eles, já se preparavam para os próximos capítulos. Como explica Nasser “é claro, o acordo era visto por uma e outra parte como frágil: talvez não sobrevivesse à guerra e, podendo, qualquer dos dois passaria a perna no outro”. (NASSER, 2016).

Finalmente, o acordo conhecido como Sykes-Picot parece ser carimbado pelas narrativas, como sendo o início dos grandes e

⁶ Foi um Estado turco que existiu entre 1299 e 1922 e que no seu auge compreendia a Anatólia, o Médio Oriente, parte do norte de África e do sudeste europeu. Fonte:

https://www.conhecimentogeral.inf.br/imperio_turco/.

irresolúveis conflitos do mundo árabe, restando aos seus agentes regionais aceitar um destino de inimizades e destruição.

Esse fatalismo automático é muito presente em explicações simplificadoras sobre o contexto regional em que a Síria está inserida. É certo que as constantes e variáveis que atuam sobre os fatos tornam o debate sobre a compreensão destes difícil. Contudo, é necessário compreender que por trás do aparente caos sempre haverá uma ordem que o controla, se não completamente, o faz de modo a guiá-lo pelo pântano.

Nasser (2016) contesta essa linha de raciocínio, bem como a tese dos conflitos seculares e religiosos, apontando para a necessidade de uma maior e melhor compreensão sobre os fatores internos e externos que movem os interesses naquele território. Neste sentido, ainda sobre o acordo de Sykes-Picot e o inevitável destino de conflitos infindáveis, Nasser aponta:

Para os árabes, é preciso conhecer os detalhes sobre esse momento em que se começaram a desenhar as suas derrotas históricas que são a marca de sua passagem por todo o século XX e de sua entrada no XXI. Um olhar especialmente penetrante deve ser direcionado aos próprios erros de julgamento e de ação. (NASSER, 2016).

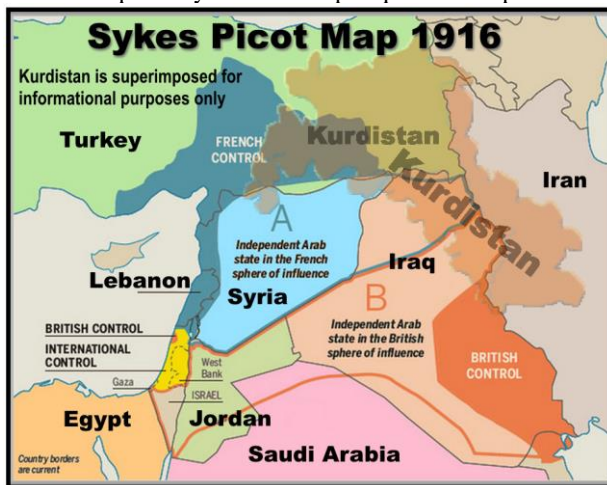
O acordo de Sykes-Picot desenhou como dito acima, direta ou indiretamente, o mapa de boa parte do Médio Oriente após a iminente derrota do Império Otomano na Primeira Grande Guerra, abrangendo os territórios do Iraque, Jordânia, Israel, Palestina, Síria e Líbano (usando as terminologias atuais), que foram repartidos pelos dois impérios europeus.

Em linhas gerais, Israel, Palestina, Jordânia e Iraque ficaram sob a alçada do Reino Unido; Síria, Líbano e Norte do Iraque, foram entregues à França. A divisão administrativa dos territórios ficou a cargo de cada um.

Comumente se ouve falar que França e Inglaterra tiveram “mandatos” para controlar essas regiões. Infelizmente, não haverá tempo para tratar das questões semânticas neste espaço, onde caberia uma profunda discussão da repercussão do que convencionou cunhar de “mandatos”. Portanto, por questões de objetividade, resumo-me a dizer que a Liga das Nações (precursora da ONU), após a Conferência de San

Remo, em 1920, propôs que a Síria passasse à responsabilidade do “mandato” francês. Tal divisão poderá ser observada na figura 01.

Figura 01: Mapa de Sykes – Picot após queda do Império Otomano



Fonte: Grupo Violes

Como sucedeu noutras áreas do globo, as partilhas dos despojos otomanos foram feitas à medida dos interesses britânicos e franceses. Assim, por exemplo, a França impôs um país para os Cristãos que viviam no Levante; nascendo o Líbano, realidade previamente inexistente, a expensas da Síria. Do mesmo modo, a Jordânia (inicialmente Trans-Jordânia – território para além do rio Jordão) foi criada do nada para satisfazer as promessas que Londres fez durante a Guerra aos Hashemitas⁷.

Esse arranjo faz com que a Síria compartilhe fronteiras com outros cinco países, tais como os conhecemos atualmente. São eles: o Líbano a oeste; a Turquia ao norte; o Iraque a leste; a Jordânia ao sul e Israel ao sudoeste. Como pode ser visto abaixo na Figura 02.

⁷ Clã de dinastia árabe de ascendência comum à de Maomé. Fonte: Livro Nação Empreendedora: o milagre econômico de Israel e o que ele ensina. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=Jd_VSBMHuNcC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gb_s_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

Figura 02: Mapa de fronteiras da Síria

Fonte: Worldbulletin

Por fim, é importante lembrar que, todo o esquema conhecido hoje como Sykes-Picot e a divisão do mundo árabe no Oriente Médio, apenas nos é conhecida graças a revolução russa de 1917 que pôs fim ao cambaleante regime czarista e o substituiu pelo governo socialista. Foi o partido Bolchevique⁸ de Lênin, através de disputas extremamente marcantes no país de maior densidade territorial no planeta, que dinamitou os acordos do czar com o imperialismo francês e inglês e, após derrotarem o governo provisório de coligação, expôs ao mundo os planos do espólio como revela a Coordenação Nacional do MPPM⁹:

Esta divisão violava grosseiramente as promessas feitas pelo governo britânico ao xerife Hussein. Porém, ainda antes do final da guerra os Hachemitas souberam que tinham sido logrados. Em Novembro de 1917, os bolcheviques, que tinham tomado o poder na Rússia, tornaram públicos vários acordos secretos, entre os quais o Acordo Sykes-Picot. Tornou-se do domínio público a contradição entre o Acordo Sykes-Picot e a correspondência Hussein-McMahon. (MPPM, 2016).

⁸ Quando da cisão do Partido Operário Socialdemocrata da Rússia em 1903, surgiram duas frações: bolcheviques (maioria); mencheviques (minoria).

⁹ Movimento pelos direitos do Povo Palestino e pela Paz no Oriente Médio.

Assim, a Revolução russa, parece ter abalado o mundo não apenas durante os “Dez Dias” como descreveu o jornalista americano John Reed, mas sim durante todo século XX.

2.1 A FORMAÇÃO DO GOVERNO SÍRIO

Ao longo do século XX, o modelo de domínio imperialista, com tropas em solo, invasão, exploração e indisposição direta com as sociedades locais experimenta os seus primeiros sinais de exaustão. É bem verdade, e não está apenas restrito a Síria, ou mesmo ao Oriente Médio, esse método jamais deixou de ser usado como forma de imposição e dominação política do imperialismo. Com o passar do tempo, a experiência em conflitos e ocupações, levou as potências dominantes a apresentar sofisticação nos seus métodos.

Esses desgastes produzidos pelos mandatos francês e britânico, junto com a luta e a organização dos povos dominados pelo imperialismo vencedor da Primeira Guerra, pôs fim à dominação nominal europeia na região, no caso da Síria especificamente em 1946.

Mas, como vimos, o território foi repartido e, após a partilha do Império Turco-Otomano, os sírios e libaneses foram ocupados e governados pela França durante 26 anos, com a chancela da Liga das Nações. O então órgão multilateral da época determinou em diversos acordos que, em teoria, a ocupação europeia no Oriente Médio não fosse definitiva. Ela deveria apenas “preparar e desenvolver” a região para que, enfim, seus povos estivessem prontos para obter autonomia.

A independência da Síria veio e convencionou-se celebrá-la no dia 17 de abril de 1946. A Síria celebrou a retirada das últimas tropas francesas em seu território, fato que colocou fim ao controle estrangeiro que, em diferentes mãos, dominava o país desde o século XVI. Desde então, e até os dias atuais, entre os sírios, a data é comemorada como o Dia da Independência¹⁰.

Os diferentes domínios em território sírio não produzem as explicações definitivas para as disputas atuais. Em alguma medida, a temporalidade é um elemento chave para aprofundar a interpretação sectária atual. Este argumento é muito comum para uma escola de analistas que expressam claramente, ou de maneira velada, que as disputas naquela região se resumem a disputas étnicas, mais comumente

¹⁰ Fonte: COSTA, Renata Parpolov. Uma história da Síria do século XXI para além sectarismo religioso. Disponível em: file:///C:/Users/USER/Downloads/2016_RenataParpolovCosta_VCorr.pdf

entre o binarismo “Xiita x Sunita” como será analisado no segundo capítulo deste trabalho.

A libertação da Síria sob domínio otomano em 1918 fez surgir um importante líder chamado Faisal bin Hussein, que combateu o primeiro império com a ajuda dos franceses e britânicos, mas depois se viram submetidos ao domínio desses últimos. A promessa feita aos árabes pelos aliados da Primeira Guerra Mundial viu-se imediatamente descumprida assim que os primeiros deram mínimas demonstrações de independência de ação diante dos últimos. Sobre esse fato, o jornalista Luís Nassif¹¹ relata:

Em março de 1920, após uma série de desgastes internos provocados por conflitos com a ala religiosa e conservadora que dominava o Congresso. Faisal, que já havia cedido muito aos franceses, é coroado e proclama o Reino Árabe da Síria, que reivindicava também a região histórica da Palestina. Foi uma última tentativa de reconhecimento, que resultou em rechaço por parte dos europeus. Em abril, a Conferência de San Remo, na Itália, legitima o Mandato Francês sobre a Síria e o Líbano. (NASSIF, 2012).

É neste período que, é possível enxergar o primeiro elemento das explicações sectárias que serão mais bem desenvolvidas no capítulo seguinte ao tratar da questão geopolítica. Os franceses adotaram na região da grande Síria, um modelo regional que dividia o país em etnias como explica o jornalista Nassif:

Na "Grande Síria" controlada pelos franceses, o território foi subdividido em seis partes, baseadas no sectarismo regional: Estado de Damasco, Estado de Aleppo, Jabal-Drúsia, Estado Alauíta, Grande Líbano e Sanjak-Alexandretta (hoje Hatay, pertencente à Turquia). No entanto, os franceses não contavam que todos esses grupos se uniam em torno da hostilidade à ocupação

¹¹ Luis Nassif aqui é utilizado por conta da representatividade da influência árabe no Brasil, bem como por ser um dos expoentes do que se chamou de “blogueiros progressistas”, ou seja, um conjunto de jornalistas que se colocam do outro lado da chamada “grande mídia”.

européia. Durante os anos de ocupação, a França teve de sufocar inúmeras revoltas. A ocupação só foi consolidada militarmente de fato em 1923. (NASSIF, 2012).

Nota-se, que, mesmo através da narrativa dos conflitos sectários, é impossível afirmar com exatidão a validade deste discurso que opta por contrapor etnias. Se ele é um mero instrumento de controle político, ou se ele é um instrumento de explicação histórica e uma importante chave de interpretação no que se refere ao modo de pôr o problema. Mas voltaremos a isso no capítulo seguinte.

Enfim, diante de tamanha disputa, o fato é que os sírios apenas conseguiram a liberdade definitiva, se assim podemos chamar, ou seja, a sua independência, em 1946, como vimos acima. O atual governo sírio é liderado pelo partido Baath¹² há quase 50 anos, o que também não significa o absoluto sinônimo de garantias de liberdades. Este partido traz elementos da ideologia política socialista experimentada no século XX pelo ocidente, com peculiaridades de uma cultura distinta do ocidente. É possível encontrar ressignificações do internacionalismo socialista no que se chama de Pan-Arabismo. É neste contexto que o Pan-Arabismo é a razão de existência do Baathismo.

O Movimento Baath é Secular¹³ - isto é, ideologicamente não há diferenças entre muçulmanos e cristãos na pátria árabe. Mas foi no Iraque de Saddam Hussein, e na Síria até hoje, que o Baath ganhou mais expressão. Esse movimento é antissionista e os baathistas acreditam que a Palestina - região conhecida como Israel e onde judeus (que comandam o país) e árabes lutam desde 1948 - é terra de direito dos árabes, por isso, se colocam de maneira incisiva, como defensores da Causa Palestina.

Veremos no capítulo seguinte como a Síria, dentro de um conjunto de países árabes, foi à única que se recusou a fazer qualquer acordo político que prejudicasse a luta pela libertação da Palestina da ocupação israelense.

¹² Partido fundado na Síria e no Iraque por Michel Aflaq, Salah ad-Din al-Bitar que defende a unificação do mundo árabe em um único Estado, o Pan-arabismo e um socialismo árabe.

¹³ Estado **secular** ou laico é um conceito do secularismo onde o poder do Estado é oficialmente imparcial em relação às questões religiosas, não apoiando nem se opondo a nenhuma religião. Fonte: COSTA, Renata Parpolov. Uma história da Síria do século XXI para além sectarismo religioso. Disponível em: file:///C:/Users/USER/Downloads/2016_RenataParpolovCosta_VCorr.pdf

Apesar de possuírem "socialismo" no nome, o Partido Baath é extremamente crítico do Materialismo Marxista e as implicações político-ideológicas que disso se tira. Mas é possível perceber diálogo entre essas duas correntes através das relações de luta anti-imperialistas colocam à mesa uma série de fatores que unificam a ação de diversos setores pela sua soberania. Infelizmente essa questão não será devidamente trabalhada aqui.

O líder do Baath na Síria era Hafez Al-Assad, pai do atual presidente sírio Bashar Al-Assad, que morreu em 2000 com problemas cardíacos. Em seu currículo, coleciona algumas modernizações políticas no país como reformas que deram um pouco mais de abertura política ao país e uma importante reestruturação do equipamento militar do exército. Sua ascensão deveu-se, basicamente, à oposição em unificar a Síria ao Egito, mas o foco foi rapidamente substituído por um inimigo maior e mais poderoso, o Estado de Israel, como veremos no capítulo a seguir.

Mas é no seu mandato de comandante da força aérea que se deram as piores e mais humilhantes derrotas diante do principal inimigo sírio na região que é o Estado de Israel, criado pela ONU em território palestino no ano de 1948, sem a opinião favorável dos países árabes. Antes de se tornar chefe do país, saído das fileiras da força aérea síria, viu os seus caças sofrerem uma derrota clamorosa em um conflito desigual conhecido como "Guerra dos Seis Dias"¹⁴.

Esse desastre militar levou à perda de uma região até hoje bastante disputada no Oriente Médio que são as Colinas de Golã, tanto do ponto de vista estratégico, quanto do ponto de vista de suas riquezas naturais, dentre elas a água. O mapa a seguir mostra a região fronteiriça ocupada por Israel.

¹⁴ Sangrento conflito ocorrido entre Israel e alguns países árabes: Egito, Jordânia e Síria, apoiadas pelo Iraque, Kuwait, Arábia Saudita, Argélia e Sudão em 1967. Este é um dos capítulos mais importantes da história moderna da região. Para os sírios o saldo é a ocupação israelense das Colinas de Golã.

Figura 03: Colinas de Golan



Fonte: Núcleo de Estudos e Análises Internacionais

Mas foi através deste revés que o militarismo sírio, dentro do próprio regime do Baath, se aprofundou e Hafez emergiu como principal voz promovendo um golpe de Estado e depondo o então presidente Salah Jadid. Essa tomada de poder ficou conhecida como “A Revolução Corretiva na Síria”¹⁵ e se desencadeou no ano de 1970.

A crítica ao Assad (pai) sobre a sua postura de mão de ferro diante dos destinos do país parecem absolutamente legítimas se contextualizadas dentro da ordem de coisas conhecidas no Oriente Médio. Mas, se algo parece devidamente pacificado na Síria, em comparação à maioria dos países da região é o arranjo de suas etnias, que mesmo hoje no governo Bashar, proclamam, acima de tudo, a unidade da sua pátria. Some-se a isso a Síria, é hoje, o mais laico dos países do Oriente Médio como afirma a palestrante de um evento ocorrido na Austrália, Susan Dirgham “Síria es la República Árabe

¹⁵Fonte: COSTA, Renata Parpolov. Uma história da Síria do século XXI para além sectarismo religioso. Disponível em: file:///C:/Users/USER/Downloads/2016_RenataParpolovCosta_VCorr.pdf

Síria. No es un estado musulmán, por lo que no hay una política religiosa, por ejemplo.” (DIRGHAM, 2014). E prossegue:

Se a pressão sobre alguém é exercida de professar uma religião em particular, como frequentar a igreja ou mesquita regularmente, ou se é mulher que usa hijab, esta pressão vem da família ou da comunidade em que vive, não governamentais ou religiosas clérigos para alimentar a nível nacional (DIRGHAM, 2014). Tradução livre¹⁶.

A sucessão de Hafez Al-Assad era preparada durante algum tempo por seus apoiadores mais próximos. Mesmo com uma série de demandas por mais abertura, mais participação política e democracia, o sucessor ao governo sírio era o primogênito da família Assad. Bassel Al-Assad foi cuidado desde muito jovem para assumir o posto do seu pai e chegou a ocupar postos-chaves na transição política que visava a eliminar, ou ao menos minimizar, os efeitos negativos à imagem do país causada pela corrupção. A fatalidade do destino fez com que Bassel, um aficionado por carros, morresse, ironicamente em um acidente nas proximidades do aeroporto de Damasco quase que instantaneamente na batida.

E foi com esse arranjo político, com a laicidade do Estado Sírio, a comunhão étnica, que o atual presidente do país, Bashar Al-Assad foi retirado do seu contexto de estudante universitário recém formado, para assumir o país com apenas 34 anos de idade. Ao que consta, e a história comparada de irmãos mais novos de dirigentes políticos, o destino do jovem Bashar estaria destinado a um projeto de vida discreta e londrina onde chegou a fixar residência nos anos 90. Mas o destino parece ter atravessado à vida da família Assad e o jovem Bashar foi chamado a assumir o principal posto do país. Para isso, foi necessário fazer um arranjo constitucional para que Bashar pudesse assumir, já que as leis do país previam uma idade mínima de 40 anos para o posto maior do país.¹⁷

¹⁶ Versão original: Si se ejerce presión sobre alguien para que profese una religión en particular, por ejemplo que asista a la iglesia o a la mezquita con regularidad, o si es mujer que lleve hijab, esta presión viene de la familia o de la comunidad en la que vive, no del gobierno ni de clérigos con poder religioso a nivel nacional.

¹⁷ Elaboração do autor a partir da leitura de reportagem. Fonte: http://origin.veja.abril.com.br/210600/p_056.html

Bashar é um médico formado na Faculdade de Medicina de Damasco ainda no ano de 1988 e realizou pós-graduação, especializando-se em Oftalmologia em Londres. Sua influência europeia transmitida através do seu porte, do seu inglês fluente, das suas aparções em terno e gravata, supera o arquétipo dos líderes regionais em vestimentas militares, facilmente carimbadas pela imprensa ocidental como a caricatura dos ditadores.

Ainda no final da década de 80, Bashar esteve no comando da ocupação síria no Líbano – certamente um dos conflitos mais confusos e sangrentos do século XX e que durou vinte e cinco anos. A guerra civil libanesa é um importante capítulo para entender a Síria atual e este evento permite o surgimento das primeiras milícias paramilitares a operarem no país como elemento de resistência ao expansionismo israelense como veremos no capítulo seguinte.

O novo presidente sírio inicia o seu mandato com a esperança de reformas políticas, econômicas e estruturais capazes de modernizar o Estado de acordo com as novas demandas que final de século XX e início de século XXI exigiam. No mundo árabe, em específico, por todo o contexto regional que sempre produziu extensa atenção estrangeira e frequentes conflitos nas vizinhanças, qualquer mudança de governo gera grande expectativa de como o rumo do país perceberá o mundo interno ao país, à região e ao chamado Ocidente.

Bashar promove algumas importantes reformas no país que parecia antecipar algumas das reivindicações que se tornariam argumentos centrais para a disputa posta hoje na ordem do dia, como veremos no capítulo seguinte. Aqui, basta dizer que o indivíduo que parecia propenso ao cosmopolitismo inerente das grandes capitais ocidentais, aprendeu rapidamente as artemanhas políticas da região, bem como a incidência que a geopolítica sempre incitou naquelas terras. É assim que nos apresenta o líder sírio opositores que romperam com o governo com o advento da “Primavera Árabe”:

Dizem antigos colaboradores de Assad, que romperam com o regime quando se iniciou a contestação, que aquele se tornou uma figura hermética, hábil e calculista, como o pai. E, no entanto, quando chegou ao poder as medidas iniciais de Assad quase antecipavam algumas das reivindicações da Primavera Árabe, movimento que surgiria uma década mais tarde. Realizou algumas reformas na área econômica, abrindo setores como a banca à atividade privada, libertou

centenas de presos políticos, permitiu alguma liberdade de expressão, autorizando a criação de um jornal não estatal e prometeu criar uma "experiência democrática própria" para a Síria. Na época chegou a falar-se numa "primavera de Damasco". Esta acabou por não se materializar e quando se iniciaram os protestos, Assad não hesitou em rotular os manifestantes como "terroristas". (MORAIS, 2016).

Essas e outras questões, referentes ao que se chamou de “Primavera Árabe” que encontrou Bashar Al-Assad no poder central, bem como ao papel desempenhado pela Síria na região, serão devidamente tratadas no capítulo seguinte quando explicar-se-á o contexto sírio e o que está em disputa na região. O último aspecto sobre a composição étnica e política da Síria, os dados referentes à diversidade religiosa são os seguintes: islamismo 92,1%, cristianismo 5,2% (ortodoxos 2,7%, outros 2,5%), sem religião e ateísmo 2,7%¹⁸.

2.2 O QUE É O PAN-ARABISMO?

Um dos conceitos fundamentais para a compreensão do Oriente Médio, bem como a existência de grupos e movimentos que foram alçados ao poder em diferentes países na região, é a questão do Pan-Arabismo. Como vimos anteriormente, os ideais socialistas que varreram as mais longínquas regiões do globo durante o século XX, também influenciaram aqueles países, contudo, a seu modo. Se for possível traçar um elemento de semelhança entre os tipos de socialismo existentes, as lutas anti-imperialistas são o caminho mais seguro. Essa especificidade leva em conta a questão de como a religiosidade interfere diretamente nas mais variadas esferas da vida individual, o que seria impensável transportar para um modelo de forte influência do laicismo francês, como o tão impregnado marxismo-leninismo.

Essa alusão ao socialismo ocidental que, inclusive, foi o modelo vitorioso no leste europeu ao longo dos anos, é uma tentativa, mesmo que simplória, de construir alguns referenciais teóricos como instrumentos para a compreensão de fenômenos políticos em localidades de hábitos e modos de raciocínios distantes da nossa realidade. O Pan-

¹⁸ Fonte: COSTA, Renata Parpolov. Uma história da Síria do século XXI para além sectarismo religioso. Disponível em: file:///C:/Users/USER/Downloads/2016_RenataParpolovCosta_VCorr.pdf

Arabismo, ou nacionalismo árabe, é um movimento liderado por Gamal Abdel Nasser e fundamentalmente compreendia a união de todos os países de maioria árabe-muçulmana, como forma de fortalecer a cultura e a causa árabe frente ao mundo ocidental.

A crise de identidade experimentada pelo mundo árabe é também algo inerente à posição estratégica que aquela região ocupa historicamente. Sempre houve ali um encontro de civilizações e é ali que se registra a história milenar do comércio internacional como se sabe e, para completar, ali se edificou o terreno onde a maior parte da principal fonte energética da humanidade estivesse assentada.

Nesse sentido, em outras palavras, a necessidade de reaver a identidade fragilizada por anos de colonialismo europeu, conjuntamente a uma série de conflitos que produziram tamanha instabilidade e toda a história de trocas humanas como conhecemos atualmente, resultaram na construção da ideia de uma grande nação árabe capaz de reaver a identidade política-cultural da região, como explica a pesquisadora Patrícia Galves Derolle:

O contato entre o Ocidente e o Mundo Islâmico foi reforçado pela experiência da conjuntura colonial, surgindo consigo inúmeros estranhamentos e reações de ambas as partes. O mundo muçulmano em diversos momentos expressou em relação ao Ocidente, ao mesmo tempo, um sentimento de admiração e aproximação, contudo também de repulsa e reação. (DEROLLE, 2015).

Parece haver, no contexto do Pan-Arabismo, uma girada do eixo ortodoxo do que se chama de luta-de-classes, principalmente para nós ocidentais, que leva em conta outros elementos decodificados em linguagens diferentes dos manuais típicos de marxistas dogmáticos. A nacionalidade árabe, mesmo que tenha incutida a luta por fronteiras como é a reivindicação pelo território palestino, parece superar as equações habituais e formas, também habituais, de pôr o problema como explica Osvaldo Coggiola:

A questão da “identidade”, de natureza variável (étnica, cultural, grupal, religiosa, raramente nacional, nunca de classe), substituiu-se às noções de classe ou de nação. A dinâmica histórica pareceria ter tornado a opressão nacional e a

exploração de classe irrelevantes, ou meros dados suplementares, em absoluto decisivos, dentro de um devir histórico determinado pela “cultura”, da qual a religião pareceria ser a expressão concentrada e suprema. (COGGIOLA, 2007, p. 95).

Mesmo não sendo objeto de análise do presente trabalho, é importante frisar este aspecto, pois, a incorporação de parte da agenda da luta dos povos árabes pelo que se chama marxismo-leninismo nem sempre levou em conta a reivindicação central dos povos árabes que é a luta pelo direito a terra, ou simplesmente pelo direito de existir, como é o dramático caso da Palestina. Há uma confusão de conceitos, há muito petrificados, como um pretensão “internacionalismo” de tipo Morenista¹⁹, muito presentes em organizações políticas na América-Latina que, aparentemente lutando ao lado desses povos, rejeitam as teses nacionalistas absolutamente compreensíveis naquele contexto.

O nacionalismo político pode ser interpretado basicamente sob duas vertentes diametralmente opostas: a) através da xenofobia e da absoluta exclusão do diferente; b) através de uma reafirmação de identidade, capaz de dar coesão a uma sociedade, ou grupo, fragilizada pelo colonialismo e intervenção estrangeira. Nos países periféricos, mesmo quando da existência da União Soviética – em tese a máxima expressão do internacionalismo comunista, as lutas anticoloniais e por autodeterminação surgiram como grandes faróis progressistas de combate ao imperialismo americano.

Porém, retomando a ideia de onde se situou o Pan-Arabismo, este surge da necessidade de superar a fragmentação política e territorial, na construção de uma unidade capaz de fortalecer a atuação junto ao mundo. A primeira tentativa ocorreu ainda em um contexto de Guerra Fria e leva em conta aspectos que diziam muito respeito ao que a conjuntura parecia exigir à época. Assim explica Silvia Feraboli em artigo publicado em 2007:

Os esforços da Liga Árabe de Estados em tentar promover a cooperação intra-árabe remontam ao ano de 1950, com a assinatura do Tratado da Junta de Defesa e Cooperação Econômica (em inglês, Treaty on Joint Defence and Economic

¹⁹ Variante do trotskismo na América Latina que tem como principal nome Nahuel Moreno.

Cooperation – TJDEC), que tinha como principal objetivo promover uma ação coordenada que garantisse o desenvolvimento econômico dos signatários. Esse foi o primeiro de uma série de cinco tratados que, nos últimos cinquenta anos, visaram dar impulso à integração político-econômica intra-árabe. (FERABOLLI, 2007, p.64).

O TJDEC sempre esteve circunscrito às esferas econômicas e, em maior ou menor medida, representa alternativas parecidas a outros blocos de tentar equacionar as questões das barreiras tarifárias na região. Há uma sequência de mais cinco acordos, entre os mais e menos ambiciosos que caminham na mesma esfera.

Para se ter uma ideia clara do nacionalismo árabe, ou pan-arabismo, é preciso entendê-lo em termos políticos – um movimento com diferentes ideologias, lideranças e partidos – e institucionais – com a proeminência da Liga Árabe de Estados e dos encontros periódicos de cúpula dos chefes de Estado árabes. (FERABOLLI, 2007, p.66).

Mas é em Damasco que se pode perceber um a um o conteúdo mais politizado para a atuação dos Estados árabes diante do mundo como explica a autora:

Em termos políticos, o nacionalismo árabe nasceu nos clubes literários de Damasco, no final do século XIX, e começou a florescer e a se desdobrar em diversos movimentos nos anos que precederam a Primeira Guerra Mundial. Esses movimentos bradavam por um "despertar árabe" – a emergência de uma identidade árabe. (FERABOLLI, 2007, p.66).

Isso recoloca com veemência a importância da Síria para além do seu papel geopolítico estratégico na atualidade, mas também o seu papel estruturante na maneira de lidar e pensar o mundo árabe na atualidade. O charme e a pluralidade de Damasco e os seus círculos intelectuais proporcionaram grande influência, acima de tudo, política para a conjuntura do Médio Oriente.

Em resumo, o Pan-Arabismo é a expressão política de uma luta anticolonialista, que marcou o mundo árabe e que se expressa com diversos componentes e influências ao longo dos anos. É o produto de uma unidade política, cultural e econômica, de modo a agrupar os países árabes diante da pressão estrangeira como demonstra Ferabolli:

De acordo com Barnett (1993, p. 281), entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, o nacionalismo árabe fortaleceu-se em virtude de cinco fatores principais: 1) a norma da autodeterminação, que legitimou e reforçou o desejo dos nacionais árabes por independência; 2) as promessas e garantias de autonomia feitas tanto pelo Império Otomano quanto pelas forças aliadas, durante a Primeira Guerra; 3) o estabelecimento do Sistema de Mandatos e a divisão dos territórios árabes sob controle britânico e francês, desconsiderando tanto as divisões geográficas e históricas da região quanto as lideranças locais; 4) o sentimento de traição despertado pelas potências ocidentais nas populações árabes, fruto do reconhecimento do Império Britânico da legitimidade do movimento sionista; e 5) o desenvolvimento dos sistemas de comunicação. (FERABOLLI, 2007, p.67).

Por fim, é possível dizer que suas transformações, incorporações, atualizações, ainda demonstram a vitalidade enquanto elemento de resistência pautado em uma conduta essencialmente política, superando a narrativa ocidental, que tenta todo o tempo frisar um paradigma religioso enquanto disposição constante na região.

A luta dos povos árabes passa necessariamente pela questão nacional e territorial enquanto elemento de resistência e identidade política dos povos da região. As dificuldades em implementar o projeto de fratura sectária na Síria talvez seja o melhor exemplo de unicidade territorial em detrimento das intervenções estrangeiras. É possível que o sentimento nacional do povo sírio, aliado ao seu arco de alianças com países de dentro e fora da região tem permitido ao país sobreviver às diversas investidas tanto do Daesh quanto das potências centrais.

2.3 CONFLITOS COM ISRAEL

Um dos fatores mais importantes que incidiram no Oriente Médio durante o século XX foi a Assembleia Geral da ONU, que fundou o Estado de Israel e da Palestina no meio da Palestina histórica. Não é o objetivo do presente estudo abordar todos os elementos que compuseram a criação do território israelense, nem tratar especificamente deste, que talvez seja o principal conflito territorial desde o século passado. A questão palestina está diretamente relacionada ao que acontece hoje em território sírio, contudo, essa discussão ficará para o capítulo seguinte.

Portanto, caberá a esse espaço expor o conflito sírio-israelense no que tange a sua contemporaneidade e seus reflexos para as relações atuais. Para isso, trabalharemos três conflitos cruciais: 1- A Guerra dos Seis Dias; 2- A Guerra do Yom Kippur; 3- A desocupação do Líbano.

O fim dos mandatos europeus na região resultou em uma das maiores tragédias políticas e humanitárias no Médio Oriente. Nós ocidentais, que comumente enxergamos, equivocadamente, com distância os acontecimentos naquela localidade, devemos lembrar que estamos historicamente envolvidos com os povos que ali habitam. Presidimos a assembleia da ONU²⁰ que decidiu a criação do Estado de Israel e de um Estado palestino. Foi o chanceler brasileiro, Oswaldo Aranha, quem inaugurou a tradição de ser sempre o Brasil a abrir a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas.

Como foi dito anteriormente, a Síria é um dos principais antagonistas do regime israelense no que tange a questão dos territórios palestinos. Enquanto as monarquias do Golfo aparecem inteiramente alinhadas aos interesses americanos e, em alguma medida, de Israel, o governo de Bashar é reconhecido pelo seu apoio aos grupos que enfrentam o regime sionista, tanto no terreno da diplomacia quanto no terreno militar. Sobre o alinhamento saudita ao projeto liderado pelos Estados Unidos e, conseqüentemente Israel, a linha da Arábia Saudita é: “há agora um adversário tão importante quanto Israel, o Irã”. (NASSER, 2013)

²⁰ Fonte: CHACRA, Guga. De 1947 a 2011 – O Brasil na criação de Israel e da Palestina. Disponível: <http://internacional.estadao.com.br/blogs/gustavo-chacra/de-1947-a-2011-o-brasil-na-criacao-de-israel-e-da-palestina/>

Um dos maiores e mais impressionantes conflitos que a região assistiu foi, sem sombra de dúvidas, o que ficou conhecido como Guerra dos Seis Dias. Em 1967, Israel, apoiado militarmente pelos Estados Unidos, lançou um ataque devastador à Força Aérea Egípcia que sequer teve chances de sair do chão para contra-atacar. Os dirigentes israelenses chamam essa conduta de “ataque preventivo” que reduziu o efetivo militar do Egito destruindo nove aeroportos, alegando que o país se preparava para um ataque aos seus domínios.

Contudo, é necessário analisar o histórico de provocações desde a instalação de Israel na região. No caso do conflito da Guerra de Seis dias, Israel já havia dado sinais de que atacaria os árabes independentemente da sua postura. Os aviões-caças americanos, utilizados pela força aérea israelense, sobrevoando o território sírio atacaram bases e posições nas Colinas de Golã, o que naturalmente produziu uma posição de defesa dos egípcios que resultou no fechamento do Canal de Aqaba.

Neste tipo de conflito, devido à tamanha animosidade de lado a lado, é muito difícil estabelecer qual o estopim para o início das hostilidades. Contudo, o resultado dos conflitos regionais, desde a existência de Israel, é que o território sionista segue se ampliando em detrimento dos seus vizinhos fronteiriços. Coincidência ou não, os territórios ocupados pelos israelenses também são os mais produtivos do ponto de vista da agricultura e ricos em recursos minerais.

Para os sírios, após uma derrota militar acachapante contra um exército financiado e armado pelos interesses da política externa americana, restou à ocupação de Golã, território bastante fértil e rico em água. Aliás, há quem diga que o real interesse das autoridades israelenses no conflito seja justamente a ocupação de posições estratégicas em torno da água como explica Raymond Dwek:

Para além das manchetes do conflito do Oriente Médio, há uma batalha pelo controle dos limitados recursos hídricos na região. Embora a disputa entre Israel e seus vizinhos se concentre no modelo terra por paz, 'há uma realidade histórica de guerras pela água' - tensões sobre as fontes do Rio Jordão, localizadas nas Colinas de Golã, precederam a Guerra dos Seis Dias. (DWEK, 2002, *apud* Echevengúá, 2009).

E para determinar a baixa disposição dos dirigentes israelenses com qualquer negociação que envolva o uso compartilhado, mesmo dos

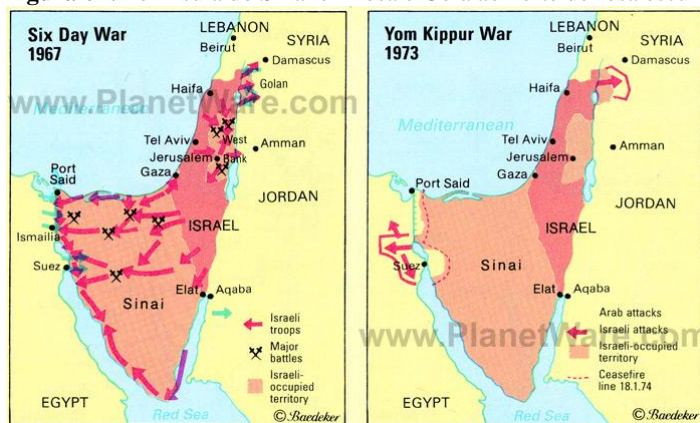
territórios ocupados entre os seus vizinhos, destaca-se a citação de Chomsky relatando palavras do Ministro da Agricultura Israelense ainda em 1990 sobre os fatos:

É difícil conceber qualquer solução política consistente com a sobrevivência de Israel que não envolva o completo e contínuo controle israelense da água e do sistema de esgotos, e da infraestrutura associada, incluindo a distribuição, a rede de estradas, essencial para sua operação, manutenção e acessibilidade (CHOMSKY, 1996).

Aliás, essa tese é acompanhada de demonstrações que apontam nesta perspectiva quando da intervenção da ONU no conflito conseguindo um cessar-fogo. Porém, Israel não aceitou a devolução dos territórios ocupados dos países vizinhos. Essa postura unilateral resultou anos depois, 1973, em um novo conflito, a Guerra do Yom Kippur, quando o Egito e a Síria atacaram simultaneamente Israel para retomar as terras ocupadas.

A Guerra do Yom Kippur, como dito acima, foi a consequência das disposições ocupantes do Estado de Israel em não devolver os territórios ocupados a partir de conflitos que progressivamente ampliaram o seu território. Para sírios e egípcios que articularam a ação, era a esperança de retomar o Canal de Suez e as Colinas de Golá incorporadas por Israel no conflito anterior como mostra a figura 04.

Figura 04: Península do Sinai em rosa e Golá ao norte de rosa escuro



Fonte: Gabinete de História

A tentativa de retomar Suez se deu em uma ação surpresa do exército egípcio de avançar sobre postos estratégicos dificultando a reação do exército sionista. Ao mesmo tempo, os sírios atacaram para retomar Golã, mas Israel tomou rapidamente um contra-ataque e suas ações frustrou os países em questão e abafou os dois lados do ataque desferido pelos sírios e egípcios. Em resumo, o conflito apenas acirrou ainda mais os ânimos entre os povos árabes, convivendo com ocupações ilegais e ataques às suas soberanias com um regime suportado pelo imperialismo americano na região.

Yom Kippur significa o dia do perdão para os judeus em suas comemorações religiosas. O ataque se deu neste dia, mas mais uma vez, a resposta israelense se deu de maneira fulminante. Entre as consequências causadas pela guerra está à deflagração da Crise do Petróleo, que disparou o preço da *commodity* e se instalou logo depois que a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) se recusou a vender petróleo para qualquer país que apoiasse o governo israelense.

A crise do petróleo gerou uma nova ação para a política externa americana, que buscou aproximar novos aliados na região no sentido de quebrar o frágil sentimento de unidade construído através do Pan-arabismo. Essas alianças ficarão mais bem expressadas no capítulo seguinte quando se discutirá especificamente o cenário sírio atual e os atores regionais e de fora que lá intervém.

Há uma série de incidentes maiores ou menores provocados por Israel com os seus vizinhos. Sua sanha em monitorar quem está próximo, para supostamente garantir a sua defesa, provocou no atual conflito sírio uma série de tentativas para desestabilizar Assad. O advento do fortalecimento do Daesh e sua disposição em “combater os Xiitas” não havendo uma única palavra ou ação contra Israel levanta uma pertinente dúvida a quem estaria a serviço esse suposto Estado Islâmico como sugere o jornalista francês Thierry Meyssan em artigo publicado:

Hackers anônimos invadiram computadores e telefones de funcionários de segurança do regime de Tel Aviv e puderam obter informações que demonstram como equiparam aos grupos terroristas na Síria com armamento sofisticado, além de fornecer apoio logístico. Mnedi Safdi é uma das autoridades israelenses que foi monitorada por hackers. Ele é membro do

parlamento israelense e atua como um mediador entre o regime de Israel e os grupos armados na Síria. De acordo com os documentos, há meses, os hackers têm monitorado o telefone e o computador Safdi, e conseguiram obter os nomes dos sírios e libaneses envolvidos no trânsito de armas a grupos terroristas. (MEYSSAN, 2014).

A hipótese levantada cada vez mais de maneira generalizada, coloca sobre os Estados Unidos e seus aliados uma forte tensão diante da opinião pública internacional. A política adotada até então por Trump, não parece suficientemente definida sobre os caminhos e a resolução futura deste caso.

E é neste cenário que Israel encara o governo de Bashar Al-Assad como um dos seus principais adversários na região. A tese de que “Assad tem de sair”, continua a vigorar, mesmo com este perigoso grupo jihadista operando em significativos territórios do Oriente Médio.

O regime Sírio está no centro de ações de todos aqueles que não foram cooptados pelo projeto americano no Oriente Médio. De lá, parte significativa de toda a resistência que combate não apenas Israel, mas a Arábia Saudita e as Monarquias do Golfo, que parecem ter passado de vez para o outro lado do projeto regional, como veremos no capítulo a seguir.

3 A LOCALIZAÇÃO DA SÍRIA NO CONTEXTO DO ORIENTE MÉDIO

A fragilidade do equilíbrio político no Oriente Médio é uma das poucas constantes que podemos perceber na região. O conjunto dos conflitos, tanto em nível regional quanto aos interesses em nível geopolítico, organizam um cenário caótico, propício a interpretações superficiais e nem sempre precisas sobre o conjunto dos atores. Contudo, atrás de todo o caos e confusão aparente há uma ordem que manobra os componentes postos, ainda que não haja o absoluto controle das variáveis, a intenção parece ser direcionar as resultantes nos devidos interesses.

Pontuar que as forças externas exercem um papel preponderante nos rumos políticos regionais a partir dos seus interesses é um fator mais importante do que aparenta. A luta política travada fora dos campos de batalha ganha um importante relevo nas narrativas desenvolvidas nos meios de comunicação, como aponta Nasser em debate realizado no Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial:

Na nossa narrativa mais usual, é como se o ocidente não tivesse nada a ver com isso (...) o ocidente aparece em Sykes-Picot, aparece muito de passagem que os Estados Unidos invadiram o Iraque em 2003 e aparece, talvez, em alguma medida, hoje, sobre como combater. (NASSER, 2015).

Quando se imputa a americanos, franceses, ingleses, ou mesmo os russos, determinados papéis no Oriente Médio, mas não apenas a este, é necessário compreender o conjunto de interesses que levam uma determinada potência a buscar este tipo de influência. O fato é que nenhum país, acentuando-se os citados anteriormente, deve ser visto como uma ONG, mas sim como um ator geopolítico em busca da satisfação dos seus interesses. Dito isso, é também importante compreender que o planejamento das ações lida com a variável humana e que, a partir disso, mas não apenas, se cometem erros que naturalmente são postos em uma espécie de balança, avaliando-se o menor dano.

Um dos principais exemplos deste tipo de conduta foi à intervenção americana no Iraque que gerou um conjunto de resultantes desastrosas e que tem impacto direto com a mutação dos grupos

jihadistas²¹, dentre eles, o *Daesh*. O *Daesh* é produto de uma cisão da Rede *Al Qaeda*, sendo inclusive desautorizados por estes, com o incremento e a sofisticação da utilização das redes sociais e um tipo de organização capaz de atuar em território estrangeiro. Essa cisão da *Al Qaeda* passa a auto intitular-se ISIS²², logo após ISIL²³, caracterizando a sua nova forma atuação e a sua passagem do Iraque para a Síria. (NASSER *et ali*, 2013).

O *Daesh* passa a se chamar ISIS, ou ISIL, quando atravessa a fronteira do Iraque e vai lutar na Síria aproveitando-se de um amplo processo de desestabilização e mudanças produzidas pela primavera árabe. Sobre isso voltaremos adiante para explicar o seu contexto e principais motivações, incluindo a convivência das potências ocidentais.

Ao tratarmos da Síria e a sua atual perspectiva, em meio à crise humanitária que esta se encontra, deve-se ter em mente que há uma guerra tão importante quanto a que acontece nos campos de batalha. Como citamos acima, essa guerra é travada através dos veículos de informação, da academia, dos debates que são feitos em outras localidades e países, tendo em vista que o tema é bastante atrativo para ouvintes e telespectadores dos mais variados espectros. A este conflito, paralelo ao campo de batalha, chamamos de guerra de versões e sua infinidade de componentes que afirma preconceitos, visões, narrativas, interpretações etc. (NASSER, 2015).

Portanto, quando se discute a atual situação da Síria há muitas implicações que irão direcionar o receptor dessa mensagem para uma posição política que pode variar, a depender da sua fonte. A relevância das narrativas é assim tratada por Nasser (2015) “há uma guerra de versões sobre o que acontece na Síria. Há, realmente, uma guerra de narrativas e nas narrativas se joga um jogo extremamente importante”.

O que Nasser chama de “guerra de narrativas” é caracterizada, principalmente, pelo conjunto de informações transmitidas por determinadas fontes que necessariamente implica na forma como os fatos estão sendo tratados para a opinião pública. Esse aspecto é extremamente relevante, tendo em vista que a opinião pública ocidental

²¹ Aqui o termo é utilizado convencionalmente a partir de interpretações de acadêmicos ocidentais, desde os anos 1990, e mais frequentemente desde os ataques de 11 de setembro de 2001, como uma maneira de distinguir entre os muçulmanos sunitas não violentos e os violentos.

²² Sigla em inglês (ISIS Islamic State in Iraq and Syria)

²³ Islamic State in Iraq and the Levant

é informada, em grande medida, por essas fontes que, em geral, tem compromissos políticos e financeiros com um dos lados do conflito.

Isso posto, outra análise política do fenômeno contesta o conjunto de informações trazidas pela grande mídia e o seu compromisso com os interesses de um dos lados da guerra como aponta Nasser em seminário realizado pelo Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial “é como se eu vivesse aqui em um lugar onde se conta essa história diuturnamente, mas eu também vivo em lugar no mundo onde a história é totalmente diferente”. (NASSER, 2015).

Como já vimos, entender as relações de poder no Oriente Médio não é questão das mais simples, pois, requer uma análise continua de um conjunto de fatores que influenciam diversas realidades. Portanto, a forma como a comunicação sobre esses fatos é expressa e transmitida ganha uma importância fundamental sobre os resultados e destinos do que é travado.

Sobre isso, faz-se necessário, esclarecer o fato que é expresso nos meios de comunicação como códigos que induzem o receptor das mensagens a um tipo de interpretação que condiz com algum ponto de vista. Posto de outra maneira, mesmo a forma como o conflito do Oriente Médio, e conseqüentemente o sírio, está narrado, induz a um viés interpretativo carregado com um tipo de versão sobre os fatos. Sobre isso Arlene Clemesha²⁴ aponta:

A gente sabe que a produção de conhecimento, a produção de narrativa, a produção da notícia esta ligada a um interesse e, muitas vezes, a mídia, os diferentes veículos da mídia, estão ligados a grandes corporações, grandes grupos de interesses que vão influenciar a versão que dá daquele fato. (CLEMESH, 2016).

A limitação sobre as fontes de informação daria um trabalho longo e específico somente com esta temática, o que não faremos aqui, mas cabe ressaltar que os diversos interesses estão estabelecidos também nas fontes. Isto porque grande parte das publicações é oriunda de traduções ou versões enviadas por grandes agências de notícias estrangeiras, como *Associated Press*, *France Press*, CNN Espanhol, AFP, ou mesmo a *AL Jazeera*. Sendo assim, a confiabilidade destas

²⁴ Professora de História árabe e atualmente diretora do Centro de Estudos Árabes da USP.

informações deve ser submetida às devidas ressalvas, apontando a gravidade da questão, além da cada vez maior militarização do conflito e a constante intervenção estrangeira.

A maneira mais comum para explicar qualquer conflito na região se dá através de uma suposta polarização que representa todos os problemas através da dualidade entre Sunitas e Xiitas, em resumo, uma suposta guerra tribal. Essa representação não condiz exatamente com os fatos vividos e parece exercer uma função no sentido de desviar o foco da influência que os interesses ocidentais buscam ali.

Seja por acaso, ou por cálculo político, a verdade é que há uma grande influência das teses orientalistas seja no campo progressista, seja no campo intervencionista, o que acaba por proporcionar uma visão contaminada. As teses orientalistas tiveram larga difusão antes mesmo dos mandatos franco-britânicos no Oriente como um todo, mas profundamente influenciados por esses na sua reprodução contemporânea. Segundo Edward Said, o Ocidente, enquanto ator histórico de peso e influência nas relações humanas tal como a conhecemos, precisou representar aquele local, de modo a construir a sua narrativa para os acontecimentos políticos que ali se apresentam:

O Orientalismo, portanto, não é uma visionária fantasia europeia sobre o Oriente, mas um corpo elaborado de teoria e prática em que, por muitas gerações, tem-se feito um considerável investimento material. O investimento continuado criou o Orientalismo como um sistema de conhecimento sobre o Oriente, uma rede aceita para filtrar o Oriente na consciência ocidental, assim como o mesmo investimento multiplicou – na verdade, tornou verdadeiramente produtivas – as afirmações que transitam do Orientalismo para a cultura geral. (SAID, 2007, p.47)

Não se sabe ao certo como a interpretação dos conflitos étnicos passou a povoar as explicações sobre as lutas políticas regionais, contudo, a questão entre Sunitas e Xiitas ganhou uma maior expressão a partir da Revolução iraniana de 1979²⁵ que inverteu as relações deste

²⁵ Movimento político que transformou o Irã - até então comandado pelo Xá Mohammad Reza Pahlevi - de uma monarquia autocrática pró-Ocidente, em uma república islâmica teocrática sob o comando do aiatolá Ruhollah

país com os Estados Unidos. Desde então, o Irã passou de principal aliado dos americanos, competindo em importância com Israel, a principal opositor dos interesses estadunidenses na região (NASSER, 2012).

Ainda que não possamos afirmar com exatidão sobre o fio condutor das explicações sectárias para explicar as diferenças políticas no mundo muçumano, Nasser trabalha com uma possível questão sobre o tema:

Essa é uma reflexão que me veio, com o perdão à digressão. Na história do Líbano há dois momentos centrais no século XIX que aconteceram no Monte Líbano, que não era o Líbano como o conhecemos hoje, e que foi lida por missionários americanos, franceses e ingleses e mesmo oficiais otomanos, por que aquilo ali era tudo domínio otomano, como basicamente uma disputa entre Maronitas e Drusos que era o essencial da população naquela região. Não se percebia aquilo como uma luta de classes, não se percebia aquilo como uma luta entre camponeses e donos de terra, não se percebia aquilo como uma luta contra a potência colonial. Percebeu-se aquilo, por alguma razão, como um conflito étnico. (NASSER, 2014).

A partir da revolução de 1979 começou-se a chamar a influência iraniana como uma “Crescente Xiita”²⁶, termo cunhado pelo Rei Abdullah da Jordânia e que precisaria ser derrotada. Neste contexto de transformações geopolíticas no Oriente Médio, deu-se início a um violento conflito que se estima um milhão de mortos²⁷ entre o Iraque de Saddam Hussein e o Irã. Este confronto ficou conhecido como a guerra Irã-Iraque²⁸.

Sunitas, Xiitas, Alauitas, Curdos e outros grupos se movimentam por interesses muito objetivos que passam bem longe dos dogmas

Khomeini. Fonte: COGGIOLA, Osvaldo. **O islã histórico, e o islamismo político.**

²⁶ Referência EL País Disponível em:

http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/28/internacional/1427543202_514565.html-

²⁷ Fonte: Cruz Vermelha. Disponível em: <http://www.cruzvermelha.org.br/>

²⁸ Conflito ocorrido de 1980 a 1988.

religiosos e de caricaturas representativas que costumam povoar o senso comum. Os conflitos étnicos são designados por Nasser como sendo “classificações sectárias”, que existem, mas que devem ser afastadas da interpretação objetiva dos interesses disputados na região. Aliás, Nasser é contundente sobre o quão contraproducente esse tipo de interpretação pode ser para a leitura dos fatos:

A diferença entre Sunismo e Xiismo e, por tanto, a naturalização da explicação de que tudo que acontece na Síria e na região é basicamente um confronto entre sunitas e xiitas. Eu discordo disso totalmente, e digo mais: se fosse verdade e se eu visse com os meus olhos que essa é a verdade eu jamais diria que essa é explicação, porque quando você afirma isto, você aprofunda um confronto que poderia não existir (NASSER, 2015).

Essa é forma como as instituições oficiais, políticas, governamentais e, mesmo de imprensa, têm tratado todas as disputas desenvolvidas no Oriente Médio, mesmo que os interesses americanos estejam dispostos a dialogar com os setores mais conservadores da região, como as monarquias do Golfo. Em se tratando da Síria, talvez o último país laico da região, essa representação está distante da realidade, pois, a maior parte da população, de variados espectros religiosos, parece apoiar o governo (NASSER, 2014).

Portanto, o conflito sírio é, na visão de Nasser, um embate essencialmente político, com interesses políticos e com atores geopolíticos, onde o elemento sectário é instrumentalizado para fins não menos políticos. Esse empenho na fragmentação sectária é descrita por Nasser como essencial no projeto do que se chama de Arco da Hegemonia, pois essa seria a resultante buscada por este setor na nova divisão de poder de todo o Oriente Médio como descreve em debate:

Agora, o sectarismo acaba também servindo a um propósito, segundo, que há uma grande desconfiança de que ele esteja em andamento que é uma fragmentação de novo do Oriente Médio, é um novo Sykes-Picot. O sectarismo é a desculpa para um novo Sykes-Picot. É a desculpa para você pegar a Síria que é um Estado nacional, único, contínuo etc., multi religioso, laico e dizer: Olha esse pessoal aqui não se entende mesmo, então,

vamos criar aqui um Estado pros curdos, um para os xiitas, um para os sunitas, um para os cristãos, se ainda restar algum cristão na região. Vamos fazer a mesma coisa com o Iraque e a mesma coisa por toda a região. E aí você volta a dividir para melhor dominar, se vocês quiserem. (NASSER, 2015).

Em resumo, a destruição da Síria enquanto unidade nacional representará a destruição da possibilidade do convívio amplo, plural e do respeito às diferenças tal como aconteceu na Líbia alguns anos antes e tal como aconteceu com o Iraque após a intervenção liderada pelos Estados Unidos no início da década passada. Voltarei à questão a seguir para explicar o que na visão de Nasser é o objetivo político-militar que instrumentaliza a “chave sectária”.

3.1 DOIS PROJETOS: O ARCO DA HEGEMONIA X O ARCO DA RESISTÊNCIA

Como vimos parcialmente acima, existem algumas chaves de leitura para o que atravessa atualmente o Oriente Médio e, consequentemente na Síria. Na definição de Nasser, elas se dividem da seguinte maneira: uma questão nacional, uma questão regional, ou uma questão geopolítica. Tão importante quanto interpretar essas diferentes formas de enxergar o conflito, é entender que qualquer uma das formas representa uma escolha de narrativas. A partir desta escolha, um conflito localizado pode se tornar um conflito étnico, religioso, ou político.

Ao fazer a escolha pela leitura política desses enfrentamentos, deve-se compreender as implicações que disso decorrem, como o fato que veremos mais adiante da recente intervenção russa no final de 2015. Mesmo com esse conjunto de componentes que permeiam as relações no Oriente Médio, essa me parece então ser a chave que melhor contempla as explicações dos acontecimentos existentes.

Ao rejeitar a interpretação sectária para os conflitos regionais, trabalhamos com a definição de que existem dois campos políticos em disputa na região, que são: a) um arco da hegemonia, liderado pelos Estados Unidos, França, Israel e Arábia Saudita; e b) um arco da

resistência, capitaneado pelo Irã, Síria, Hezbollah libanês e o Hamas²⁹ na Faixa de Gaza. Contudo, é importante ressaltar que essas alianças não são imutáveis e estão vulneráveis a diversas pressões políticas que se transformam ao longo do desenvolvimento dos acontecimentos (NASSER, 2012). Devo destacar que, a opção da narrativa por intitular iranianos, sírios, libaneses do Hezbollah, como sendo a resistência, também revela a brutal diferença de forças entre estes dois blocos.

Há alguns outros atores regionais que mereceriam menções devido a sua importância e participação direta nos acontecimentos. A Turquia, o posto mais avançado da OTAN³⁰ a leste, seria um desses componentes importantes diante desta representação. Não há dúvidas sobre a relevância dos turcos no conflito sírio, tendo em vista que o seu governo é um dos que mais exercem pressão sobre Bashar Al-Assad, mas alguns reveses experimentados diante dos seus próprios problemas internos têm feito com que o país varie de posições diante dos acontecimentos.

O modo de representar a questão através destes dois projetos carrega em si uma série de outros conflitos que por lá estão presentes como a dualidade Arábia Saudita x Irã, ou a questão palestina e a pilhagem do seu território por parte de Israel. Segundo Nasser essa é a melhor maneira de incorporar o conjunto de fatores que estão incluídos na diversidade de interesses em choque. Estes arcos põem-se em antagonismo para a disputa do futuro da região, que como se sabe, é muito rica em recursos naturais vitais à vida humana. Contudo, além de um petróleo de excelente qualidade e fácil extração, com custos de produção infinitamente menores que o pré-sal³¹ brasileiro, por exemplo, aquela região é estratégica, tanto do ponto de vista da sua proximidade à Rússia e a China, bem como da tradição milenar do comércio internacional. É este peso geopolítico, e o reconhecimento da sua função estratégica, que faz do Oriente Médio objeto de tantas disputas. (NASSER, 2014)

O Arco da resistência seria, portanto, uma aliança de um conjunto de atores regionais que pretende enfrentar política e militarmente

²⁹ O grupo palestino Hamas rompeu politicamente com Damasco no ano de 2012, no início da Primavera Árabe, por conta da sua histórica ligação com a Irmandade Muçulmana, opositora a Assad.

³⁰ Organização do Tratado do Atlântico Norte.

³¹ Área de reservas petrolíferas encontrada sob uma profunda camada de rocha salina, que forma uma das várias camadas rochosas do subsolo marinho brasileiro.

adversários intervencionistas como Israel, Estados Unidos, França e Arábia Saudita. O desenvolvimento desta disputa na Síria representa justamente a escolha do governo sírio pela resistência e, do outro lado, a possibilidade aberta através das primaveras árabes de derrubar este regime e substituí-lo por outro alinhado ou mais próximo dos interesses ocidentais, sauditas e israelenses. Nesse sentido, a queda do governo sírio representaria uma mudança profunda na correlação de forças da região. Como aponta Nasser (2012), “significaria uma mudança radical no equilíbrio de forças da região. E esse equilíbrio de forças mudando, com a queda do regime, favoreceria de tal modo o projeto americano que naturalmente China, Rússia e Índia se sentiriam enfraquecidas no jogo mundial”.

Por fim, quando Nasser utiliza o termo “equilíbrio de forças”, isso não parece significar que ele acredite que haja uma correlação militarmente paritária. É uma força de expressão que o mesmo apresenta como sendo o atual arranjo político da região.

3.2 O JIHADISMO COMO FERRAMENTA PARA DESESTABILIZAR GOVERNOS

Não é exatamente uma novidade a utilização de grupos terroristas como estratégia do imperialismo para as suas guerras por procuração. O departamento de Estado e CIA a sabem exatamente quem são e como esses grupos operam no Oriente Médio, mas sabem também a importância dos mesmos para a política externa americana.

O que é surpreendente nisso tudo é que, mesmo com o conhecimento público da relação dos Estados Unidos e outras potências ocidentais com esses grupos, o cinismo permanece reproduzido nas grandes corporações midiáticas do mundo inteiro. A legitimidade econômica e militar dos EUA chegou a um nível tão inimaginavelmente grande que poucos são capazes de se fazerem ouvir ao denunciar essas relações.

Ao que tudo indica, e nunca é demais lembrar, foram os Estados Unidos que montaram a AL Qaeda, mesmo que não controlem todas as variáveis que explodam a partir disso, e toda a sorte de terroristas salafistas, wahhabitas que hoje habitam fortemente o Oriente Médio e que inspiram radicais islâmicos pelo mundo inteiro através da tática do lobo solitário se voltando contra o próprio país. Quando alimentaram, financiaram e protegeram Bin Laden para combater os soviéticos no Afeganistão, os americanos criaram um tipo de jihadismo que à época eles chamavam, pomposamente, de mujahedins, como aponta o

professor da Columbia University, Jeffrey D. Sachs, em artigo no Valor Econômico no final de 2015:

Nunca foi contada realmente ao público a verdadeira história de Osama Bin Laden, da Al-Qaeda, ou da ascensão do EI no Iraque e Síria. A partir de 1979, a central de inteligência americana (CIA) mobilizou, recrutou, treinou e armou jovens sunitas para combater a ex-União Soviética no Afeganistão. A CIA recrutou em grande escala membros de populações muçulmanas (inclusive na Europa) para formar os mujahidin, uma força de combate sunita multinacional mobilizada para expulsar os infiéis soviéticos do Afeganistão. (SACHS, 2015).

O Daesh ou Estado Islâmico é produto da política externa americana em colaboração com aliados regionais que, ao tentar impor uma nova ordem à região, destruiu parte significativa das unidades territoriais fragilizando ainda mais a já frágil ordem existente. A guerra do Iraque em 2003 foi determinante para o surgimento de grupos como esse e se aproveitou justamente do vácuo de poder deixado pela intervenção americana com a derrubada de Saddam Hussein quando este não mais servia aos interesses ocidentais. Sobre isso Sachs prossegue:

Bin Laden, de uma rica família saudita, foi trazido para ajudar a liderar e a financiar a operação. Foi algo típico das operações da CIA: recorrer a financiamento improvisado por meio de uma família saudita rica e a recursos do contrabando e do tráfico de drogas local. Ao promover o ponto de vista central de uma "jihad" para defender as terras do islã (Dar al-Islam) contra forasteiros, a CIA produziu uma força de combate calejada, de milhares de jovens deslocados de seus lares e dispostos a lutar. É essa força de combate inicial - e a ideologia que a motivou - que hoje ainda forma a base das insurgências jihadistas sunitas, incluindo o EI. O alvo original dos jihadistas era a União Soviética, hoje são EUA, França, Reino Unido e Rússia. No fim dos anos 80, com a retirada soviética do Afeganistão, alguns elementos dos mujahidin se metamorfosearam na Al-Qaeda, "a base", em árabe, que se referia às

instalações militares no Afeganistão construídos para os mujahidin por Bin Laden e a CIA. As consequências negativas inesperadas contra os EUA começaram a tomar forma em 1990 com a primeira Guerra do Golfo, quando os EUA criaram e expandiram suas bases militares em Dar al-Islam, principalmente na Arábia Saudita, lar da fundação do Islã e de seus locais mais sagrados. Essa expansão da presença militar dos EUA foi uma afronta à ideologia central jihadista. (SACHS, 2015).

O próprio Sachs parece concordar com o risco da estratégia americana em manter esses grupos apostando no acirramento do fundamentalismo religioso. Não fosse essa narrativa, é possível que dificilmente grupos como este encontrassem as condições fundamentais para germinarem e provocarem o caos. De toda forma, os setores mais radicais que assentam o Estado americano preferem manter esta opção à mesa calculando riscos que possam cumprir objetivos com menos danos para os Estados Unidos. É o que se pode interpretar das próprias palavras do professor:

Essas operações fracassaram e não conseguiram produzir governos legítimos e nem mesmo uma estabilidade rudimentar. Ao virar de ponta-cabeça governos estabelecidos, embora autoritários, no Iraque, Líbia e Síria, e ao desestabilizar o Sudão e outras partes da África consideradas hostis ao Ocidente, essas ações contribuíram muito para alimentar o caos, banhos de sangue e guerras civis. Foi essa desordem que permitiu ao EI capturar e defender territórios na Síria, Iraque e partes da África Setentrional. (SACHS, 2015).

Foi o início das “Primaveras” Árabes e o processo de desestabilização produzido em toda a região que fez com que o Daesh atravessasse a fronteira do Iraque e fosse combater na Síria ganhando territórios com impressionante velocidade e facilidade. O resultado é o que vemos hoje, parte significativa do território sírio e seus campos petrolíferos sob domínio dos terroristas, para não falarmos do Iraque que é onde o Isis está estabelecido e é mais forte. O banho de sangue a que se refere o autor está sendo assistido neste exato momento na República

Árabe Síria, mesmo que o Daesh tenha recuado violentamente no último período.

3.3. PRIMAVERA OU OUTONO ÁRABE?

Os trotskistas da década de 1960 jamais poderiam prever que uma das suas mais brilhantes formulações para denúncia à burocracia estalinista se banalizaria de modo tão contundente, quanto o que foi feito com o termo “primavera”. Aliás, a banalização segue dois caminhos: a) um processo de apropriação; b) um processo de vulgarização em caracterizações conjunturais absolutamente anômalas aos fatos.

A chamada Primavera Árabe foi um dos eventos geopolíticos mais importantes do ano de 2011. O seu primeiro sinal aconteceu ainda em dezembro de 2011, na Tunísia, durante a chamada Revolução de Jasmim neste país. A seguir, as ondas de protestos em massa cobriram o Egito, o Iêmen, a Líbia, a Síria e vários outros países do norte da África e do Oriente Médio. (AGÊNCIA SPUTNIK, 2011).

O termo “primavera” ganha significado pelo fato de estarem associadas as quatro estações do ano e, dentre essas, remeter-se ao florescer, à mudança, ao amadurecimento. Além disso, a sua chegada também está associada ao fim do inverno, normalmente carregado de nuvens escuras e tempos fechados. Em resumo, a mudança entre as estações representa a mudança do aspecto político entre o frio e sombrio inverno e a colorida primavera.

Um dos primeiros autores a citar o termo “primavera” como referência política para alguma espécie de transformação foi o militante trotskista Pierre Broué³² na sua famosa obra “A primavera dos povos começa em Praga”, referindo-se à resistência do movimento estudantil na Tchecoslováquia em 1968, contra a ingerência de Moscou, que culminou com a conquista de algumas liberdades individuais, permitindo a criação de outros partidos políticos e pondo fim à censura, entre outras medidas. (VAISSE, 2011, p. 99).

No campo das esquerdas, e das lutas políticas de um modo geral, tem se explorado em demasia este termo a ponto de vulgariza-lo, ou

³² Privas, 8 de maio de 1926 – Grenoble, 26 de julho de 2005.

mesmo de torná-lo banal diante de qualquer acontecimento que demonstre supostas adesões além das militâncias mais convencionais. No mundo árabe em particular, a referência à primavera está diretamente associada aos jovens que “colocaram a roda pra girar nestes países” reivindicando mais democracia, mais participação política e mais abertura. (CILIA, 2012).

O primeiro ato da Primavera Árabe se dá no final de 2010 quando Mohamed Bouazizi, um jovem de 26 anos da cidade de Sidi Bouzid, se imolou em protesto contra a constante perseguição da polícia, que o assediava e impedia de levar a cabo a sua atividade de vendedor ambulante na Tunísia. A assustadora cena de protesto fez despertar um sentimento que há muito se mantinha em silêncio devida à repressão do governo tunisiano.

O componente das repressões às liberdades individuais mais elementares em diversos países árabes, combinadas à nova realidade de maior acesso as redes sociais propiciados pela internet, foram ingredientes mais do que necessários para eclodir imensas revoltas em todo o país e, conseqüentemente, alastrando-se para os países vizinhos.

Os primeiros protestos em Sidi Bouzid foram violentamente reprimidos, e imagens dessa repressão começaram a correr o país através do Facebook. Transferido para Tunes, Mohamed Bouazizi ainda seria visitado pelo próprio Ben Ali no hospital, numa tentativa desesperada de acalmar os protestos, mas faleceria no dia 4 de janeiro. (ESQUERDA.NET, 2011).

Já era tarde demais para manter as coisas como elas sempre foram, e o Oriente Médio a partir das grandes mobilizações do povo tunisiano passou a experimentar diferentes níveis de descontentamento. Havia então se aberto uma temporada que traria mudanças radicais para as relações nos diferentes países de tradições muçulmanas.

Naturalmente essas mudanças nem sempre foram acompanhadas de uma ordem política sobre os fatos. Logo se percebeu que haviam diferenças políticas e organizativas nos países, alguns com mais tradições em lutas políticas e outros, ainda que incipientes, ganharam um forte impulso proporcionado pelas novas formas de comunicação advindas da internet.

Não trataremos neste trabalho especificamente da importância que o componente das convocatórias para os grandes atos populares

através do *Facebook* trouxera de incremento para essas mobilizações. Contudo, registramos a importância política que essas ferramentas tiveram nos mais diversos países de orientação islâmica. Talvez, a mais simbólica de todas sejam as grandes manifestações que ocorreram no Egito, que fizeram ruir o governo de Hosny Mubarak³³, que comandou o país de 1981 a 2011, e reconfigurou parte significativa das disputas no Oriente Médio com a ascensão da Irmandade Muçulmana³⁴.

Voltando a questão das mobilizações populares e o conceito até então denominado como Primavera Árabe, sabemos que hoje há um conjunto de divergências quanto o que se convencionou ao nominar as transformações daquele modo. Um dos aspectos para rebater a tese da Primavera Árabe é assim descrita:

Nós fazemos escolhas ao darmos nomes aos eventos. Com relação ao que vem acontecendo no mundo Árabe os nomes foram variados: primavera, revoltas, revoluções, despertar etc. Cada uma mensagem sobre o que de fato estaria acontecendo lá (...). Isso tem um conteúdo político importante. A ideia do despertar, eu pelo menos o usava muito, mas aí eu encontrei uma crítica que dizia que isso é uma ofensa aos povos árabes, por que, a cada dez anos, pelo menos, eles têm se revoltado, ao longo do último século. O problema é que todas as revoltas são capturadas por movimentos de contra-revolução. (NASSER *et ali*, 2013).

A nomenclatura com que se decidiu chamar este conjunto de eventos revela, sobretudo, o fator que se queria controlar diante da magnitude dos acontecimentos. Mesmo assim, as Primaveras Árabes parecem ainda não encontrar uma definição precisa até os dias atuais, o que nos leva a crer que a disputa política da região também se encontra na maneira como estão representadas essas mobilizações.

Com o início dessas grandes mobilizações no mundo muçulmano, os atores geopolíticos precisaram imediatamente reorientar a sua atuação, de modo a se manterem de acordo com as transformações que

³³ Militar e político egípcio, que ocupou o cargo de presidente da República Árabe do Egito

³⁴ Grupo político e religioso que atua em diversos países do Oriente Médio, mas não apenas.

se anunciavam e controlarem o que fosse possível diante dos fatos e dos seus interesses para que se pudesse preservá-los.

Compreendendo que de tempos em tempos, quase que como uma progressão aritmética, os povos árabes encontram o caminho para mobilizar-se e chocar-se diante de conjunturas políticas bastante adversas, como apontou Nasser, as potências, sobretudo as potências estrangeiras, prepararam-se para os possíveis choques e convulsões que nasceriam desses países de modo a proteger os seus interesses, tendo em vista que todas as potências têm interesses na região. Sobre isso, Nasser (2015) aponta:

Quando começaram as Primaveras árabes, ou as revoltas no mundo árabe, todo mundo no mundo reagiu a estes processos revoltosos tentando proteger os seus próprios interesses, porque essa é uma região em que todo mundo, sem exceção, tem interesses. (...) Então, Estados Unidos, França, toda a Europa, Arábia Saudita, Turquia, todo mundo, Irã, todo mundo se preocupou com o que iria acontecer na região, porquê isso poderia mudar todo o jogo. Então, eles (Sauditas e Ocidentais) quiseram controlar o que acontecia no Egito para não perder o Egito, tentaram controlar o que acontecia na Tunísia, no Iêmen e tal. Esse controle se dava em cada lugar de um modo diferente. (NASSER, 2015).

Portanto, para Nasser (2015), o fenômeno do que se convencionou chamar de Primavera Árabe foi um elemento com uma série de nuances que variou de país a país de acordo com os interesses geopolíticos e regionais. Foi possível verificar grande entusiasmo das potências ocidentais quando as primaveras balançaram regimes opositores aos interesses americanos e a tentativa de desqualificar e suportar regimes abertamente pró-ocidentais como Mubarak no Egito.

Houve então uma “recuperação”³⁵ do sentido dessas mobilizações para redirecioná-las a um determinado interesse. Este conceito, trazido

³⁵ O conceito de recuperação aqui é tomado emprestado da Obra “O Capitalismo Sindical” e consiste basicamente em dizer que processos políticos podem ter o seu princípio alterado em detrimento de uma outra classe social. No caso das Primaveras Árabes, fica nítido que as mobilizações populares e espontâneas por mais abertura, melhores condições de vida e mais participação

por João Bernardo³⁶ e Luciano Pereira para explicar a mudança na substância do sindicalismo brasileiro, parece se encaixar perfeitamente à ideia do desvirtuamento das lutas dos povos árabes.

Logo, a Primavera Árabe foi recuperada para servir aos interesses das potências estrangeiras em uma nova categoria de golpes de Estado influenciados, mesmo que distantes, pelos interesses dos americanos e seus aliados. (NASSER *et ali*, 2013).

Na esteira das grandes mobilizações políticas que continham valores universais tidos como bons e apropriados para o mundo, seria inviável para qualquer ator interno ou externo à região posicionar-se contra as mobilizações populares. O conceito de recuperação parece explicar o resultado destes eventos pela sua atualidade. Essas manifestações passaram, grosso modo, de eventos progressistas à conservadores e isso pôde ser observado nos mais diversos países.

Diante de terrenos tão inseguros é difícil afirmar, muito menos definir, que os processos de mobilizações percorridas pelos países de tradição muçulmana representaram um ato contínuo, invariável e rumo a melhores condições políticas para os povos em questão. As primaveras árabes continuam a ser objetos de estudo e interpretação política por um conjunto de analistas e observadores e estará sujeita a revisões da sua natureza de acordo com os acontecimentos que ainda percorrem naquela região.

Se por um lado não parece prudente afirmar que as primaveras árabes representaram a libertação dos povos árabes, deve-se também levar em consideração que algumas coisas, de fato, podem haver se transformado, não estando dispostas a retornar ao seu lugar de origem. De toda forma, não há um consenso entre os analistas, polarizando a discussão entre os que atestam que seria uma revolução, enquanto que para outros seria uma contrarrevolução. Particularmente, tendo a inserir mais elementos nessa interpretação e defino da seguinte maneira: a) sim,

política, foram canalizadas de modo a servirem os interesses imperialistas na região. O Egito é, talvez, o exemplo mais emblemático desta recuperação, quando Hosny Mubarak, ligado aos militares, foi deposto seguido de uma vitória da Irmandade Muçulmana nas eleições e, logo após, um novo golpe recolocou os militares de volta ao poder através de Abdul Fatah Khalil AL-Sissi.

³⁶ João Bernardo nasceu em Portugal em 1946. É doutor pela Unicamp e desde 1984 tem sido convidado a leccionar em várias universidades brasileiras. É autor de numerosos livros e artigos. Seu último livro é *Capitalismo Sindical* (São Paulo: Xamã, 2008) em co-autoria com advogado Luciano Pereira.

aconteceram grandes mobilizações políticas por mais participação, por mais abertura, por melhores condições de vida; b) sim, esse descontentamento foi incorporado à agenda imperialista e impulsionado para desestabilizar governos não alinhados.

Vale ressaltar que um conjunto de fatos e resultados saídos das “Primaveras” vão ao encontro dos interesses mais escusos dos sauditas, qataris e bahreins. Há uma hipótese³⁷ de que o mercado imobiliário de Dubai chegou a um pico, com pessoas ricas em países instáveis – como Egito, Líbia, Síria e Tunísia – comprando casas e apartamentos em lugares mais seguros, como forma de proteger seu patrimônio. Esse efeito teria sido sentido também em cidades como Paris e Londres.

As “primaveras” árabes continuam a ser objeto de estudo e interpretação política por um conjunto de analistas e observadores e estarão sujeitas a revisões da sua natureza de acordo com os acontecimentos que ainda percorrem naquela região.

3.4 A SÍRIA COMO PIVÔ CENTRAL

Trabalhamos acima, em alguma medida, a ideia das representações que se manifestam através das informações que são transmitidas para o mundo sobre o que acontece no terreno de batalha. A resultante disso é a tentativa por parte dos interesses americanos em buscar isolar o regime sírio dos demais países e fazê-lo definhar como havia acontecido na Líbia anos antes. Ocorre que a dramaticidade do que vinha acontecendo, e as rápidas transformações proporcionadas pela primavera árabe propiciaram uma possibilidade de mudança política em um país chave para o equilíbrio de forças.

Contudo, o que de fato se queria realizar diante dos processos revoltosos que, além de diversos países da região, também começavam a chegar à Síria? Por que era mais importante, diante dos acontecimentos regionais, o que se desenvolvia dentro deste país?

É claro que todos os resultados de tudo o que acontecia pela região era em maior ou menor importância para o futuro dos acontecimentos. Eram importantes as revoltas no Egito, na Líbia, talvez em menor medida Tunísia, dentre outros, mas a resultante dos fatos na Síria determinaria o equilíbrio militar envolvido naquela parte do mundo. (NASSER *et alii*, 2013).

³⁷ Fonte: Diário Centro do Mundo. Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/primavera-arabe-3-anos-depois-10-consequencias-que-ninguem-previu/>.

Vimos acima, que a divisão do poder no Oriente Médio segundo a definição de Nasser se dá através do que ele chama de um arco da hegemonia e um arco da resistência. Também acima, definimos que basicamente a resistência contava com alguns atores que são: O Irã, a Síria, o Hezbollah no Líbano e o Hamas na Faixa de Gaza.

Esse arco da resistência se tornou um importante fator de limitação aos interesses do ocidente, bem como obteve importantes vitórias diante destes elementos. Entre essas vitórias conta-se a retirada de Israel do sul do Líbano, da Faixa de Gaza, mas, sobretudo, da grande derrota sofrida pelos israelenses em 2006, também no Líbano que os forçou a se retirar do país demonstrando para um conjunto de países que vivem sob o poder autoritário do sionismo a possibilidade de vitória. (NASSER *et ali*, 2013).

O Hezbollah é o grupo antissionista que mais se fortalece desde 2006 e incrementa o seu status de único adversário militar para o poderoso exército israelense. Contudo, o poderio do grupo libanês depende essencialmente da infraestrutura fornecida pelos iranianos como engenheiros, conselheiros militares, armas, apoio financeiro e que passa, essencialmente, pelo território dirigido por Bashar Al Assad. (NASSER *et ali*, 2013).

É por isso que a Síria é considerada um país chave para a resistência, pois, é a partir do seu território que a ajuda iraniana passa para os principais partícipes do projeto da resistência na luta, sobretudo contra o principal adversário dos árabes na região que é o sionismo expansionista israelense. A Síria é considerada um corredor da ajuda iraniana até o Hamas na Faixa de Gaza, principal grupo armado pela libertação da Palestina, e para o principal grupo antagonista, militarmente a Israel, que são os combatentes do Hezbollah.

Portanto, caso se pudesse tirar a Síria deste papel importante, de pivô, de propulsora para que este conjunto de países continuassem a perseguir outro caminho alternativo e de resistência às potências ocidentais, esse seria então o principal objetivo a ser alcançado diante das destabilizações generalizadas que o mundo árabe atravessava. Retirar o país deste alinhamento, fundamental do ponto de vista do suporte logístico e militar para o arco da resistência é, talvez, o maior interesse regional deste momento.

Essa talvez seja a principal explicação para o envolvimento da milícia libanesa nos acontecimentos que se dão dentro da Síria, pois se trata da saída militar que este grupo encontrou para combater as agressões cometidas pelo Estado de Israel. A ferocidade das batalhas, para o grupo, representa não apenas salvar o regime de Assad, mas é ao

mesmo tempo ideológica e existencial como resumido nas próprias palavras do grupo:

É dever religioso; é continuação do fornecimento de serviços militares; é apoio a um aliado, no “eixo da resistência”; é proteção aos apoiadores no Líbano, afastando a ameaça de ato terrorista; é apoio, pela presença, como ator destacado, e elemento de equilíbrio, na luta contra Israel; e, finalmente é guerra antevista nas profecias, para pôr fim ao massacre de xiitas em Bilad al-Sham, Jabal ‘Amel (Líbano) e até a batalha final em al-Koufa (Iraque). (BLOG, 2016).

A outra explicação para o envolvimento do Hezbollah nas batalhas sírias é evitar que os grupos instrumentalizados pelas potências ocidentais, Israel e Arábia Saudita, cheguem ao próprio Líbano e iniciem um processo de desestabilização política no país. Essa hipótese ainda não está totalmente descartada mesmo que as atenções estejam totalmente voltadas para o futuro dos combates na Síria.

Portanto, abriu-se a possibilidade de utilizar os acontecimentos e janelas abertas pelo que se convencionou chamar de primavera árabe, para derrotar, ou em última opção caso, a derrota não seja possível, neutralizar o papel da Síria enquanto ator preponderante na geopolítica da região. Controlar a opção síria pela resistência passou a ser o fator determinante e transformou toda a dinâmica do que se passa dentro país. (NASSER *et ali*, 2013). Para além dos interesses de Israel há também a explicação que envolve diretamente os interesses sauditas em sua disputa por influência com o Irã.

3.5. A INTERVENÇÃO RUSSA E O REEQUILÍBRIO

Em que pese à crítica contida neste trabalho sobre o imperialismo norte-americano e de outras potências ocidentais, isso não deve ser associado ao apoio incondicional aos regimes despóticos de onde quer que seja. Apenas observa-se que tão importante quanto denunciarmos práticas de governos autoritários deve-se levar em conta o princípio de autodeterminação dos povos como elemento relacional basilar entre as nações.

Desde o fim da antiga União Soviética e os países da chamada cortina de ferro³⁸, a capacidade de influência da política exercida pelo Kremlin reduziu-se dramaticamente no mundo. No Oriente Médio, em particular, a Rússia sempre desempenhou uma contínua e considerável influência nos mais distintos países como o Iraque e mesmo o capítulo escondido na história que foi a fundação do Estado de Israel. Há, então, uma tentativa em fazer diminuir a influência histórica dos países europeus que se dava através de mandatos como vimos no capítulo primeiro deste trabalho, bem como tentar competir com a crescente influência americana por toda a região.

Como dito nos capítulos anteriores, o Oriente Médio é o local onde as potências globais costumam demonstrar a sua capacidade de exercer influência no mundo, devido à quantidade vultosa da principal riqueza natural humana, o petróleo e a sua posição estratégica diante do mundo (NASSER *et ali*, 2013). Deste modo, mesmo com o fim da antiga URSS, a política externa russa manteve na Síria o último reduto desta influência global.

A análise integral sobre os acontecimentos que se desenvolvem na Síria ganha aqui, talvez, a sua melhor e mais nítida expressão no campo geopolítico e os realinhamentos construídos ao longo dos anos. Durante a década de 90 americanos e aliados não encontraram nenhuma resistência à altura para deter o seu ímpeto geopolítico como verificado na Guerra do Golfo³⁹ quando o Bush⁴⁰ pai e enfrentou Saddam Hussein para impedir a anexação do Kuwait⁴¹.

Mas essa não foi a única intervenção estadunidense no Oriente Médio. Recentemente os americanos promoveram uma nova investida na região com o *modus operandi* semelhante a investidas com o apoio desta potência no mundo. A Líbia de Muamar Kadafi sofreu um

³⁸ Países que compunham o antigo Pacto de Varsóvia.

³⁹ Primeira guerra do Iraque 90/91. No dia 2 de Agosto de 1990, na região do Golfo Pérsico, as tropas iraquianas invadiram o Kuwait sob a alegação de que o país estava prejudicando o comércio do petróleo. Saddam Hussein reivindicava uma indenização além de uma parte do território do país. Protamente rejeitada a ideia, os Estados Unidos e Grã Bretanha lideraram uma coalização com um conjunto de alguns países árabes forçando a rendição das tropas de Saddam. Esse é considerado o maior conflito do Oriente Médio, depois da Guerra Irã-Iraque. Fonte: Estudo Prático. Disponível em:

<http://www.estudopratico.com.br/guerra-do-golfo-1991/>

⁴⁰ 41º Presidente dos Estados Unidos de 88/92

⁴¹ País árabe situado no nordeste da península Arábica na Ásia Ocidental. Faz fronteira com a Arábia Saudita ao sul e ao norte com o Iraque.

contínuo processo de desestabilização com apoio a milícias sectárias opositoras ao regime, bem como intervenção aérea de franceses e americanos até a queda de Trípoli⁴² em agosto de 2011.

A fotografia do atual cenário de caos experimentado na Líbia, que chegou a possuir o maior IDH⁴³ entre os países africanos, combinado a um sentimento anti-imperialista muito presente em países de vocação nacional mais arraigada, proporcionou a política externa russa sair da sua posição de observadora dos acontecimentos para a ação. Os russos estão convencidos de que o que parece estar em andamento no Oriente Médio são planos que não incluem os seus interesses e uma tomada de posição neste momento parece definir o futuro não apenas do mundo árabe, mas também para a própria Rússia e a nova ordem multipolar pretendida por ela e pela China.

Nesse sentido a ideia dos órgãos multilaterais para contribuir no equilíbrio de poder do mundo revela-se bastante prejudicada quando um ou mais dos seus partícipes ignora em absoluto as suas resoluções e os seus métodos de construção. O assassinato de Saddam Hussein nos tribunais da ONU e as terríveis cenas do assassinato de Kadafi na Líbia põe em xeque o funcionamento desses órgãos bem como valores muito nobres difundidos nas ideias destes mesmos organismos.

É muito deprimente e revela um pouco daquilo que a gente pode chamar de farsa. Por trás de ideias muito valiosas, ou seja, a ideia de que não pode haver impunidade para grandes crimes contra a humanidade, crimes de guerra. Mas por trás dessas ideias, as instituições que vão sendo criadas para lidar com essa impunidade vão deixando muitas brechas a estas farsas. (NASSER, 2014).

É importante lembrar que Saddam Hussein foi enforcado por um único crime de guerra que, nem mesmo de longe, foi o mais grave dentre os muitos cometidos por ele. Os demais crimes cometidos pelo regime de Hussein, principalmente os dos tempos em que guerreou contra o Irã, logo, quando eram aliados dos Estados Unidos contra os

⁴² Capital da Líbia até a intervenção estrangeira destruir o país, hoje o país está dividido, e o status de capital abalado.

⁴³ Fonte: Por dentro da África. Disponível em:
<http://www.pordentrodaafrica.com/libia>

aiatolás, parecem convenientemente esquecidos pelos tribunais que o julgaram.

As imagens do assassinato do líder líbio por grupos sectários demonstrou a deprimente conduta americana inaugurada com a invasão do Iraque em 2003, onde o direito internacional parece ter inaugurado uma nova era (NASSER, 2014). Ao ignorar a resolução contrária o conselho de segurança das Nações Unidas sobre intervir no Iraque no início da década passada, os Estados Unidos parecem apresentar um recado ao mundo na direção de um mundo unipolar.

Chineses e russos permanentemente constroem uma insistente oposição ao intervencionismo ocidental dentro das esferas das Nações Unidas. Em se tratando da Síria, até 2012, chineses e russos haviam rejeitado pelo menos três resoluções contra qualquer medida que pressionasse o governo de Bashar Al Assad, na sua luta contra os grupos terroristas e dissidentes vindos até a síria. Além disso há, também, uma oposição, descrita pelas potências ocidentais, de “moderada” que também enfrenta o governo em armas.⁴⁴

A campanha russa na Síria teve início no segundo semestre de 2015, mais precisamente em 29 de Setembro, de modo que um conjunto de interesses podem ser expressos nesta ação que vão desde a base militar russa em Latakia⁴⁵ na região ocidental do país e na fronteira com a Turquia, até as novas arrumações geopolíticas pretendidas pelos serviços de inteligência das potências ocidentais, passando pela real ameaça terrorista que sensibilizam também os russos na questão chechena⁴⁶.

A determinação russa na Síria aliado a uma expressiva resistência do povo sírio e do seu governo parece ter produzido nos Estados Unidos certa indecisão sobre como agir diante deste cenário. O desgaste causado por outras intervenções produziu na política externa americana alguma dúvida diante de uma nova intervenção em terreno na Síria. Aqui, é importante revelar alguma diferença entre a política adotada pelos Republicanos alguns anos antes, e a política dos Democratas frente a essa nova questão. O presidente Obama chegou a ensaiar um ultimato ao governo sírio, com a chamada “linha vermelha”, mas mesmo sob a acusação do uso de armas químicas por parte do governo de Assad, a indefinição permaneceu, muito provavelmente pela

⁴⁴ Fonte: G1

⁴⁵ Cidade da Síria que comporta a única base militar russa fora de suas fronteiras até o presente momento.

⁴⁶ Região russa de forte influência do islã radical e com tendências separatistas.

dificuldade de fazer crer nesta flagrante farsa desmontada alguns meses depois. O fato é que, quase ninguém lembra, hoje, que não foi o governo sírio que utilizou as químicas (NASSER, 2014).

A hesitação americana na síria revelou que a narrativa construída anos antes na Líbia e na década passada no Iraque, em nome do perigo das armas de destruição em massa que pertencia ao regime iraquiano revelou-se pobre de mais para convencer a comunidade interacional de tais fatos. Diante da importante decisão em intervir ou não intervir os americanos recuaram e optaram por manter o conflito no nível de compromisso atual, a distância, muito provavelmente pelas implicações que produziriam junto a Rússia, como revê-la Nasser:

Os Estados Unidos tinham posto aquilo (o uso de armas químicas) como a ‘linha vermelha’ que se fosse cruzada nós (americanos) vamos intervir. Mas aí eles perceberam que a intervenção direta na Síria, pra atacar o regime, era algo extremamente perigoso, era algo que podia sair do controle com muita facilidade, que poderia ter custos de soldados americanos, vidas americanas muito altos. Então, os russos foram lá e ofereceram uma saída para os americanos, juntos com os iranianos, e disseram: Nós vamos convencer o Assad a entregar as suas armas químicas e assim você (EUA) tem uma desculpa pra não entrar em uma guerra que você não quer entrar (NASSER, 2014).

Diante da indefinição dos americanos a influência russa no cenário geopolítico se estabeleceu de maneira incontornável elevando o prestígio interno e externo do presidente russo Vladimir Putin como alternativa de poder regional. Cerca de 70% dos russos parecem satisfeitos com ação russa no país árabe, como aponta a pesquisa elaborada pela VITSOM⁴⁷:

De acordo com o estudo, que assumiu o VITSOM véspera, a maioria dos cidadãos da Federação Russa estão plenamente de acordo com a recente decisão do seu líder, Vladimir Putin no envio da Força Aérea no espaço aéreo sírio por ataques

⁴⁷ Centro russo de pesquisa sobre opinião pública.

ativos nos pontos onde os terroristas vêm usando como QG. - Tradução livre (DNI24.COM,2015).

Há outro nome que também ganhou absoluto relevo neste impasse que foi o secretário de Relações Exteriores da Rússia Serguei Lavrov que mesmo sendo minoria no Conselho de Segurança da ONU tem conseguido expor diplomaticamente a política intervencionista das potências ocidentais substituindo a tese ocidental de que qualquer solução para a Síria passa pela saída de Assad, pela unidade na luta contra o terrorismo do *Daesh* e outros agrupamentos.

3.6. CATÁSTROFE HUMANITÁRIA

No primeiro capítulo tratamos da questão das fontes de informação como um dos principais elementos de disputa política desempenhada na região. Essa questão em particular, é uma variável interpretativa difícil de controlar e quase sempre suscetível a questionamentos pelos ângulos interpretativos. Mesmo assim, ainda é possível encontrar elementos de intersecção, que parecem representar ou subsidiar os lados em oposição, construindo uma base em comum para falar do conflito.

A polêmica sobre a quem serve o Observatório sírio de Direitos Humanos⁴⁸ é parte do conflito das fontes de informação, ainda que se recorra a ele para consultas gerais sobre os dados da guerra.

Oficialmente, e assim está apresentado em sua página oficial na rede, o Observatório Sírio de Direitos Humanos, coloca-se de maneira independente e sem ligações com grupos políticos como aponta:

O Observatório Sírio para os Direitos Humanos não está associado ou ligado a qualquer órgão político. O SOHR foi fundado em maio de 2006. Um país no qual todos os cidadãos são iguais perante a lei. Somos um grupo de pessoas que acreditam em Direitos Humanos, dentro e fora do país, documentando a situação dos Direitos Humanos na Síria e relatando todas as violações dos Direitos Humanos, arquivando relatórios e espalhando-o através de uma ampla gama de Direitos Humanos e Mídia. Cooperamos com organizações de direitos humanos na Síria, no

⁴⁸ Organização baseada em Coventry, Reino Unido, que faz oposição ao governo de Bashar Al Assad.

mundo árabe e na comunidade internacional com o que vai junto com nossos objetivos e aspirações: Democracia, Liberdade, Justiça e Igualdade. Diretor e fundador do Observatório Sírio para os Direitos Humanos: Rami Abdurrahman (Ossama Suleiman). O Observatório Sírio para os Direitos Humanos não está associado ou ligado a qualquer órgão político. Tradução livre (OBSERVATÓRIO SÍRIO PARA OS DIREITOS HUMANOS, Ano desconhecido).

O Observatório Sírio de Direitos Humanos está localizado na cidade de Coventry na Inglaterra e é dirigido por Rami Abdurrahman, que faz uma pública oposição ao governo de Bashar desde a Europa. Há uma permanente troca de acusações a quem serve a ONG, contudo, os números e notícias produzidas por ela têm sido utilizadas para construções de narrativas mesmos pelos opositores do governo.

Como já foi dito de passagem algumas vezes ao longo deste trabalho, os números oficiais dão conta de um contingente entre 300 e 400 mil mortos desde o início dos distúrbios em 2011. Isso leva em conta entre combatentes e população civil como mostra o sítio da ONG:

Desde o início da guerra na Síria, em março de 2011, mais de 300 mil pessoas, entre elas cerca de 86 mil civis, morreram no país. O alerta foi nesta terça-feira (13) pelo Observatório Sírio dos Direitos Humanos. As informações são da Agência Ansa. O último balanço do grupo, que coleta os dados sobre o conflito entre rebeldes e o governo de Bashar al-Assad, registra um aumento de 9 mil mortos se comparado ao último relatório, divulgado em agosto. Entre as vítimas civis, calcula-se que mais de 15 mil eram crianças ou adolescentes. (AGENCIA ANSA, 2016).

Houveram algumas tentativas de se chegar a um acordo de trégua com os mais variados grupos insurgentes em todo o país, mas sempre de maneira bastante frágil. Esses acordos deixariam de fora os dois principais grupos jihadistas que combatem dentro do país: *AL Qaeda* e o *Daesh*. Já o principal grupo de oposição, classificado pelo ocidente como “rebeldes moderados” organiza-se através do “Exército Livre da Síria” (ELS). A impossibilidade de se estabelecer uma trégua duradoura

e que esperasse as negociações que se deram em Genebra e Astana tem sido determinante para a manutenção do estado de beligerância atual.

Até o mês de Março de 2017 a Síria contava com quase 7 milhões de refugiados internos como aponta matéria do *El País* citando fontes oficiais das Nações Unidas.

Pela primeira vez desde a guerra, há mais de seis anos, o número de refugiados sírios superou a barreira dos cinco milhões, segundo informou na quinta-feira a Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Esta cifra, que equivale a quase um quarto da população total do país, reflete a dureza de um conflito que produziu 6,3 milhões de deslocados internos e mais de 300.000 vítimas mortais. (FEMMINE, 2016). Tradução livre⁴⁹

Além disso, há um contingente de pelo menos 5 milhões de refugiados em países vizinhos entre os quais estão: Turquia, Líbano, Iraque e Jordânia. (El País, 2017). Somente a Turquia recebe quase 3 milhões desses refugiados e, como é parte interessada diretamente na disputa que se desenvolve dentro da Síria, a posição instável do Governo de Recep Tayyip Erdogan⁵⁰ é sempre muito oscilante, com relação ao futuro dessas pessoas.

⁴⁹ Por primera vez desde que inició la guerra, hace más de seis años, el número de refugiados sirios ha roto la barrera de los cinco millones, según ha informado este jueves la Agencia de Naciones Unidas para los Refugiados (ACNUR). Esta cifra, que equivale a casi un cuarto de la población total del país, refleja la dureza de un conflicto que ha producido 6,3 millones de desplazados internos y más de 300.000 víctimas mortales.

⁵⁰ Presidente turco que chegou ao poder como primeiro-ministro em 2003, quando era líder do AKP (Partido da Justiça e Desenvolvimento). À época, a Turquia passava por uma grave crise econômica. Erdogan comandou uma importante recuperação econômica no país que chegou a ser chamado como a estrela em ascensão do Oriente Médio. Seu início de mandato também marcou uma nova visão nas relações internacionais, recolocando a Turquia como importante interlocutora no cenário regional. O ápice da sua política externa foi a tentativa de resolução junto ao conselho de segurança da ONU, ao lado do Brasil, sobre o programa nuclear iraniano, devidamente rechaçado pelos americanos. A atuação como mediador rapidamente se deteriorou quando a Turquia assumiu o apoio aos grupos rebeldes na Síria. A Turquia é

A geopolítica da região tem permitido aos diferentes atores utilizarem a variável dos refugiados para lançarem exigências a outros países. No final de 2016, o presidente da Turquia ameaçou a União Europeia de romper o acordo de refugiados alcançado com esses países do bloco, por conta do adiamento de uma possível aceitação do país ao mesmo como aponta o jornal espanhol:

As relações entre Turquia e união europeia tensioam dia a dia como não havia acontecido em anos o que ameaça o acordo migratório firmado em março do ano passado. “Se for mais longe, abriremos as portas (fronteiras). Isso devem saber”, advertiu o presidente turco sexta-feira, Recep Tayyp Erdogan durante um discurso. Embora as autoridades turcas tenham que a decisão tomada pelo parlamento europeu, pedindo que congelasse as negociações sobre a adesão da Turquia ao bloco não esta vinculada a questão, o certo é que o país não se sente confortável com o tratamento dado cujas suas fronteiras se relacionem desde 1963.”(MOUREZA, 2016). Tradução livre⁵¹

O caso dos refugiados e os seus inúmeros capítulos é considerado de maneira geral como a maior crise humanitária do século XXI. Para resolver esta crise é necessário que a guerra na Síria seja terminada (NASSER, 2015)

frequentemente acusada de ser o maior facilitador de entrada de combatentes na Síria através da sua fronteira.

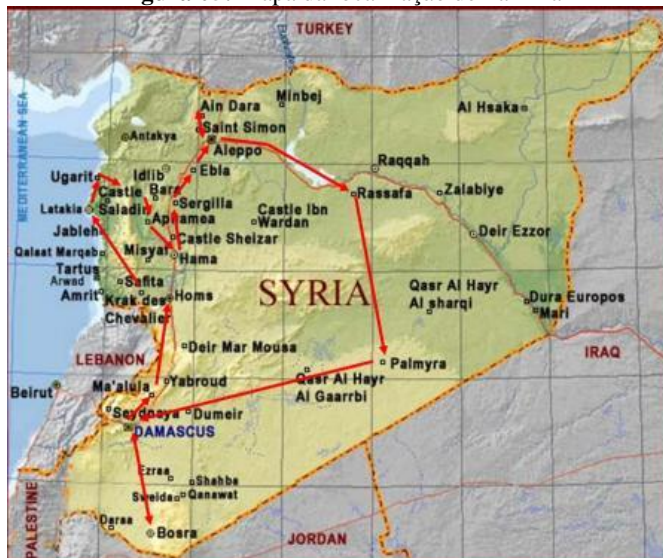
⁵¹ As relaciones entre Turquía y la Unión Europea se tensan día a día de una forma no vista en años, lo que amenaza con romper el acuerdo antimigratorio firmado por ambas partes el pasado marzo. “Si vais más lejos, abriremos las puertas (de las fronteras). Eso debéis saberlo”, advirtió este viernes el presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, durante un discurso. Pese a que las autoridades turcas han subrayado que la decisión adoptada por el Parlamento Europeo instando a congelar temporalmente las negociaciones de adhesión de Turquía no tiene carácter vinculante, lo cierto es que no ha sentado nada bien en un país que se considera injustamente tratado por una Unión Europea a cuyas puertas llama desde 1963.”

4 A DESTRUIÇÃO DO PATRIMÔNIO DE PALMIRA

Vimos no capítulo anterior que os importantes acontecimentos do que se convencionou chamar de “Primavera Árabe”, foram o estopim para um conjunto de transformações ocorridas no Oriente Médio. Vimos também, que essas mobilizações fizeram despertar, nos importantes polos de poder global, a oportunidade, ou necessidade, de garantirem os seus interesses que vão desde os recursos naturais até a influência nas questões de modo de vida. Portanto, se parece correto afirmar que a Primavera Árabe foi um importante processo de acúmulo de experiências de mudanças, por outro lado, ela foi utilizada para reestabelecer uma correlação de forças no médio oriente, revelando, então, um complexo quadro de disputa.

É considerando esse contexto, que analisamos a cidade de Palmira, que fica a nordeste da capital da Síria, Damasco, palco de importantes batalhas entre o governo dirigido por Bashar Al Assad e o principal grupo terrorista que opera naquele território, o *Daesh*.

Figura 05: Mapa da localização de Palmira



Fonte: Portal Jipa

O nome “Palmira” aparece pela primeira vez em uma tabuleta do século XIX A.C., onde foi ponto de passagem de caravanas entre o

Golfo e o Mediterrâneo, uma etapa da rota da seda. Após a conquista romana, a partir do século I A.C., e durante quatro séculos, Palmira viveu um período formidável de ascensão. Graças ao comércio de especiarias, perfumes, sedas, marfim e vidro, a cidade passou a ser um local de luxo e exuberância em pleno deserto. No ano 129, o imperador romano Adriano decretou a cidade livre de Adriana Palmira, quando foram construídos alguns dos templos. (NAÇÕES UNIDAS, 2016)

Há dois aspectos muito importantes em Palmira: o primeiro é a sua localização militar privilegiada próxima a capital Damasco. O segundo é o seu aspecto imaterial que, em grande medida preserva significativamente a identidade Síria, fato que permitiria afirmar que um dos objetivos da destruição de parte do seu patrimônio pelo grupo terrorista, engendra a quebra de uma expressão da memória que caracteriza e constitui a unidade nacional.

Notícias veiculadas na imprensa nacional e internacional dão conta de que a cidade foi retomada no final do mês de março de 2016, após sucessivas publicações de implosões de parte do seu patrimônio pelo *Daesh*. Alguns itens da sua arquitetura foram bastante danificados pelo grupo terrorista, a exemplo do Arco Triunfal do Templo de BaalShamin e o Templo de Bel, este último ainda inacessível, devido ao processo de retirada das minas terrestres ao seu redor, como pode ser observado nas figuras 06 e 07. A libertação de Palmira só foi possível por conta da intervenção russa, através do apoio aéreo e as forças do Hezbollah.

Figura 06: Arco Triunfal ou Arco do Triunfo antes da ação do Daesh, 2010.



Fonte: Site G1

Figura 07: Arco Triunfal /Arco do Triunfo Templo de BaalShamin, em Novembro de 2015.



Fonte: O Globo

O Oriente Médio é um local de encontro de civilizações, como apontamos em Nasser no capítulo anterior, e Palmira parece traduzir a sua importância enquanto Patrimônio da humanidade sendo reconhecida pelos órgãos multilaterais como a UNESCO e as Nações Unidas:

Palmira é considerada um oásis no meio do deserto sírio, no nordeste de Damasco. No mundo antigo, a cidade era um dos mais importantes polos culturais da região. Do século I ao II, a arte e a arquitetura do local se destacaram pela combinação peculiar entre técnicas greco-romanas e tradições e influências persas. (NAÇÕES UNIDAS, 2016).

Contudo, o aparente interesse em Palmira por parte dos grupos terroristas, em especial o *Daesh*, também revela a violência e impacto psicológico que este tipo de ação causa em guerra. Em alguma medida, os ataques ao patrimônio da cidade tentam demonstrar a incapacidade do Governo e dos órgãos multilaterais em manter o controle sobre o que há de mais atrativo, do ponto de vista internacional, no seu território.

Nesse sentido, aponta o Centro de Estudos Internacionais da Universidade de Lisboa, quando da segunda retomada da cidade em artigo:

Sim, porque provoca impacto psicológico, porque demonstra a fragilidade das coligações

internacionais, porque gera discussão entre aliados, muitas vezes com interesses muito diferentes, porque permite lançar a confusão entre o que faz e o que se devia fazer nos avanços em Aleppo, em Mossul, em Raqqa e junto à fronteira com a Turquia, com ou sem as milícias xiitas e curdas, com ou sem o apoio dos aliados regionais. (CENTRO DE ESTUDOS INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, 2016).

E continua:

O Daesh, o Jabhat Fateh al-Sham (al-Nusra), a al-Qaeda, os inúmeros proxys, os que atuam em toda a região, ou os que atuam em África – como o Boko-Haram ou o Al-Shabab – ou nos EUA, na Europa, no Afeganistão ou nas Filipinas, sabem que a estratégia é uma “arte e ciência” que serve a política “por outros meios”. Que não visa resultados imediatos, mas efeitos longínquos que consubstanciem uma específica determinação política. E esta última – a determinação política – como temos vindo a afirmar, não pertence nem está nas mãos do Daesh. Esta ação, agora efetuada pelo Daesh, é uma manifestação operacional da política que visa a transformação desta grande região numa área fértil para o crescimento de um projeto radical e totalitarista. Palmira, outra vez? Infelizmente, poderá haver mais *Palmiras* nos meses e anos que se seguem. (CENTRO DE ESTUDOS INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, 2016).

Este tipo de enfrentamento não é exatamente novo na história, nem mesmo novo para o grupo *Daesh* que já havia cometido o mesmo tipo de atentado ao património na cidade iraquiana de Nínive ainda mostrando ao mundo os seus atos através de portais de internet. Antes, também haviam cometido semelhante ato no norte do Iraque na cidade fortificada de Hatra, capital do império Parta, ou Império Arsácida, e epicentro do primeiro reino árabe. Também o fizeram no museu de Mosul⁵² (ainda hoje uma das principais fortalezas do grupo), onde os

⁵² A cidade iraquiana de Mosul foi retomada do domínio do *Daesh* pelo exército iraquiano em junho de 2017.

extremistas desfiguraram as esculturas, as ruínas de Dur Sharrukin, capital fugaz da civilização assíria durante o reinado de Sargão II, e a cidade de Nimrud, uma das quatro capitais do Império Assírio. (MORAIS, 2016).

O que está por trás de toda essa violência, aparentemente desproporcional, pode ser na realidade a abertura de mais um flanco de batalha além das armas convencionais. Seja como for, há crimes de guerra cometidos pelo Daesh e os desdobramentos deverão ser verificados quando o conflito se findar.

4.1 A PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO NA SÍRIA

Desde o fim da Primeira Guerra Mundial, o fortalecimento dos órgãos internacionais foi uma das principais ferramentas de promoção da paz interlocução dos povos de todo mundo. A Síria, neste contexto, participa de diversos órgãos multilaterais e foi um dos três Estados-Membro, do Oriente Médio, a participar da UNESCO desde a sua fundação em dezembro de 1946.

A entrada do *Daesh* nos sítios arqueológicos sírios e, conseqüentemente, a sua atenção em atingir os Patrimônios do país, que como vimos também são patrimônios da humanidade, revela uma tática em grande medida bastante previsível. Como vimos acima, isso já havia sido feito em países vizinhos onde o grupo está organizado e dirige regiões, mas a sua difusão acontece mesmo em território sírio.

Há neste tipo de conduta, uma reivindicação de um passado glorioso do Islã, mesmo que por ele pouco autorizado, fundamentalmente impulsionado pelo Wahhabismo⁵³ praticado pela Arábia Saudita como aponta Nasser em entrevista:

Uma primeira questão muito importante é de onde vem essa base de pensamento, de onde vem esta

⁵³ Movimento ultraconservador originário da Arábia Saudita no século XVIII, tendo como principal expoente Muhammad bin Abd Al Wahhab, base teológica de todos os grupos terroristas sunitas como Al Qaeda, Daesh, Boko Haran Taleban etc. Não se trata, no entanto, de um movimento politicamente estruturado, mas de uma interpretação do islã que prioriza, ou reivindica priorizar, uma leitura puritana do corão. Rejeitam, inclusive, outras maneiras de ler a religião, considerando as outras correntes como infiéis impuros. Sem essa base teológica, os grupos acima mencionados talvez não tivesse terreno fértil para se proliferarem do modo como conhecemos. Fonte: Le Monde Diplomatique Brasil. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/o-islã-ao-pe-da-letra/>

ideologia deste grupo. É uma ideologia que é basicamente a mesma da AL Qaeda e de outros afiliados a Al Qaeda ou aparentados com ela, que é um pensamento extremamente conservador, extremamente radical e que teve, digamos, a sua maior fonte na Arábia Saudita, quer dizer, é um pensamento que é constitutivo da história da Arábia Saudita. (NASSER, 2014).

Contudo o próprio Nasser apresenta cautela quanto a uma rotulação definitiva sobre a ideologia Wahabbista, o seu berço e a conduta dos seus praticantes como aponta na sequência da mesma entrevista:

A posição do Estado Saudita é meio dúbia, nebulosa, se a gente quiser, mas há muitos indícios de que ou o Estado Saudita, ou elementos sauditas, quer dizer, nacionais sauditas, fortunas sauditas, tenham alimentado por muito tempo grupos como a AL Qaeda e agora este grupo específico. Isso faz ainda mais sentido quando você pensa que a Arábia Saudita é o grande interessado na região pela derrubada deste eixo, ou desta parceria, Síria, Hezbollah, Hamas na Palestina e o Irã. (NASSER, 2014).

Por tanto, o elemento da disputa religiosa aqui se faz presente, o Wahabbismo, para garantir um tipo de suporte que explicaria a ação do grupo *Daesh* em relação ao Patrimônio Histórico localizado na região.

Disso incorre que, em meio à tamanha desestabilização produzida pela ascensão fundamentalista do *Daesh*, qualquer menção a religiões não islâmicas foram perseguidas resultando no ataque direto a parte dos seus símbolos. Os mais notórios, por estarem na lista de Patrimônio da Humanidade da UNESCO, são Hatra, cidade parte do império macedônico construída com representações do panteão grego, e Palmira, que contém edificações como o Templo de Bel e o Leão de Alat, ambos alegadamente destruídos pela militância.⁵⁴

⁵⁴ Fonte: CEDIN. Disponível em: <http://cedin.com.br/wp-content/uploads/2014/05/Arthur-Gustavo-Saboya-de-Queiroz-A-Destruir%C3%A7%C3%A3o-do-Patrim%C3%B4nio-da-Humanidade-pelo-Estado-Isl%C3%A2mico-como-Crime-de-Guerra.pdf>

O anúncio da tomada de Palmira, pelo *Daesh* em 2015, não provocou, em particular, grande preocupação por parte da comunidade internacional além da comoção média que um grupo como este causa normalmente. Contudo, ao implodir parte dos sítios da cidade, o Estado Islâmico parece ter inaugurado um novo *modus operandi* que diz respeito à identidade da formação territorial síria. Essa ação de destruição opera a debilidade da memória que se originaria da gradativa transformação dos grupos, conforme seus quadros sociais de memória (HALBWACHS, 1920). Em que pese à utilização desta tática nos sítios arqueológicos iraquianos, a cidade histórica de Palmira foi uma das primeiras a experimentar este tipo de conduta, inaugurando um novo período para o tipo de terrorismo praticado até então.

4.2 A SITUAÇÃO DOS ARTEFATOS DINAMITADOS

Como dito na introdução, será trabalhado apenas o primeiro período de conquista, ou invasão, do *Daesh*, seguido pela sua expulsão em março de 2016. A situação dos artefatos encontrados diz deste modo, respeito apenas ao seu estado na primeira ocupação. Em que pese à comoção despertada entre acadêmicos, pesquisadores, população local e mundial, as notícias, mesmo que dentro de alguns limites são animadoras.

A análise da situação dos sítios mencionados feita através do relatório final da missão de peritos apresentado em julho de 2016, na cidade de Istambul, no contexto da 40.^a sessão do Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO aponta que:

Sítio de Palmyra (República Árabe Síria) (C 23)
Decisão: 40 COM 7A. 21.

O Comitê do Patrimônio Mundial,

1. Tendo examinado o documento WHC / 16 / 40.
COM / 7A.Add.

2. Recordando as Decisões 37 COM 7B. 57, 38
COM 7A.12 e 39 COM 7A.36 aprovadas nas suas
sessões 37^a (Phnom Penh, 2013), 38^a (Doha,
2014) e 39^a (Bonn, 2015), respectivamente;

3. Tendo em conta a Decisão 40 COM 7A. 22
relativa aos bens do Patrimônio Mundial da
República Árabe Síria, adoptada na sua 40.^a
sessão (Istambul, 2016),

4. Condena os actos deliberados de destruição da propriedade e deplora os danos consideráveis aos atributos do Valor Universal Excepcional (OUV);
5. Reconhece a documentação e a avaliação de danos efectuada pela Direcção-Geral das Antiguidades e Museus (DGAM) no local e no museu, bem como a missão de Avaliação Rápida enviada pelo Director-Geral da UNESCO;
6. Regista com preocupação as pressões que têm de actuar rapidamente para inverter os danos no terreno e considera que, antes de ser realizado qualquer trabalho de restauro, o imóvel exigirá estudos pormenorizados e extensos trabalhos de campo, bem como discussões sobre a definição de abordagens óptimas e considerações que ir além das questões técnicas, incluindo condições adequadas no terreno;
7. Congratula-se com o compromisso de que a elaboração de planos de recuperação do património seja realizada em estreita consulta com a comunidade científica internacional e salienta a necessidade de garantir uma ampla consulta entre as partes interessadas nacionais, bem como uma estreita consulta ao Centro do Património Mundial E os Órgãos Consultivos, e que seja concedido tempo suficiente para a conclusão do processo global;
8. Reitera a sua opinião de que, enquanto isso, o Estado Parte deverá salvaguardar Palmyra através de intervenções mínimas de primeiros socorros, para evitar o roubo, o colapso e a degradação natural;
9. Solicita à comunidade internacional que preste apoio financeiro às medidas de emergência exigidas na propriedade;
10. Solicita ao Estado Parte que convide uma missão conjunta de Monitoramento Reativo do Centro do Património Mundial / ICOMOS / ICCROM para proceder a uma avaliação abrangente do estado de conservação do imóvel e identificar medidas necessárias para reverter à deterioração e assegurar a conservação e protecção de A propriedade, assim que a situação de segurança o permitir;

11. Decide manter o Sítio de Palmyra (República Árabe Síria) na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo. (UNESCO, 2016).

Em princípio, mesmo com destruições irreparáveis sofridas, a equipe de peritos se mostrou otimista e, em certa medida, surpresa com a quantidade dos danos. Os prognósticos eram piores, tendo em vista que o grupo terrorista esteve durante dez meses com o controle militar e administrativo da cidade como aponta membro do governo sírio:

Podemos garantir que 80% das ruínas de Palmira estão em bom estado", confirmou Maamoun Abdulkarim, diretor-geral de Antiguidades e Museus na Síria, em conversa por telefone com o EL PAÍS. "Chorei duas vezes na minha vida. Quando me tornei pai e depois de saber da libertação de Palmira", acrescentou o diretor, eufórico, depois de receber os relatórios de sua equipe, já instalada no terreno. (SANCHA, 2016).

E foi assim, em meio a tantas notícias tristes sobre o conjunto do conflito vivenciado que surgiu alguma esperança diante de tamanho desespero vivenciado. Contudo, repito esses aspectos ainda são referentes ao primeiro período⁵⁵ de ocupação do *Daesh* na região.

4.2 A ESTÉTICA DA VIOLÊNCIA

Um dos primeiros atos deste grupo foi o assassinato de Khaled Al-Asaad, arqueólogo sírio e considerado o guardião do sítio de Palmira, após mantê-lo em cativeiro durante um mês (BBC, 2015). O ato, condenado pela UNESCO como sendo “um ato horrendo”, revela uma ação terrorista que parece indisposta a conviver com o diferente. O projeto de dividir a Síria em várias zonas de influência, além da interpretação geopolítica, ao que tudo indica, neste sentido, também ganhou o seu componente subjetivo visando atacar a memória como elemento de identidade nacional:

⁵⁵ Hoje, Julho de 2017, a situação encontra-se em outro patamar após a expulsão definitiva do *Daesh* de Palmira (Síria) e Mosul (Iraque), bem como a morte do seu principal dirigente, Abu Baqr al-Baghdadi, fragilizando o então autoproclamado califado islâmico.

(...) não existe nenhuma comunidade histórica que não tenha nascido de uma relação que possa se comparar sem hesitação à guerra. Aquilo que celebramos como acontecimentos fundadores são essencialmente atos violentos legitimados posteriormente por um estado de direito precário. A glória de uns foi humilhação para outros. À celebração, de um lado, corresponde à execração, do outro. Assim se armazenam, nos arquivos da memória coletiva, feridas simbólicas que pedem uma cura. (RICOUER, 2007, p. 92.)

Este aspecto da guerra parece escondido nos escombros da arquitetura das cidades sírias, principalmente Palmira e a sua importância enquanto símbolo. A questão da identidade pessoal e coletiva surge através do ‘fenômeno da ideologia’, que se evidencia, segundo Ricoeur, em três níveis de atuação: distorção da realidade, legitimação do sistema de poder e a integração do mundo comum. (RICOUER, 2007, p. 94)

Neste sentido, é possível admitir a versão de que o *Daesh* age através de uma coerção violenta e ao mesmo tempo silenciosa sobre os costumes da sociedade síria. Atua também na variável da função narrativa que estrutura a memória atacando símbolos que representem um modo de vida ao qual contesta. Nesse embate memorial regido pela disputa do poder, abusos e distorções são táticas de quem almeja o domínio do status quo, pois uma memória exercida é, no plano institucional, uma memória ensinada. (RICOUER, 2007, p. 98).

Há ainda um elemento psicológico que se estabelece neste tipo de conflito que são os traumas vivenciados pelas populações civis que são as maiores vítimas deste tipo de enfrentamento. Hélène Piralian (2000 *apud* RICOUER, 2007), psicanalista de origem armênia, refletiu sobre esta questão ao tratar do genocídio armênio e sobre a questão da sua representação. Para ela a simbolização do evento implica a “(re) construção de um espaço simbólico de vida” (PIRALIAN, 2000, p. 21 *apud* RICOUER, 2007, p.98).

O campo de pesquisa específico sobre patrimônio e sobre os conflitos no Oriente Médio é relativamente amplo e diz respeito a diversos países. Há trabalhos inclusive sobre o aspecto jurídico envolvendo a questão patrimonial. Contudo, há pouca pesquisa no que se refere à questão do patrimônio de Palmira após a sua conquista por

parte do *Daesh* e as implicações que disso decorreu tendo em vista a atualidade do conflito.

É necessário compreender que este tipo guerra se desenvolve sob diversas perspectivas que superam o binarismo entre bons e maus, os quais, o senso médio é quase sempre levado a crer. O terreno da informação, da psique, da geopolítica, para além das obviedades das armas, engendra uma complexa forma de relação às quais parecemos compreender a aparência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maneira como foi dividido o trabalho buscou situar a Síria tanto do ponto de vista das suas características econômicas e sociais internas, passando pelo seu papel geopolítico, chegando até a destruição do Patrimônio da cidade de Palmira. A narrativa apresentada ao longo dessas linhas se esforçou por apresentar uma opinião que superasse a do *mainstream* que, por outro lado, se esforçam por estabelecer uma maneira de contar a história de modo a creditar ao Governo sírio como o grande responsável por este conflito.

As fontes para realização do mesmo se deram de modo a tentar equilibrar os discursos oficiais reproduzidos pelos portais de notícias ocidentais. Por óbvio, e não intencionalmente, houve escolhas tanto na forma de narrar os acontecimentos a partir de um ponto de vista que não é neutro, mas que também buscou a responsabilidade política diante dos acontecimentos. O fato de exercer uma opinião que contém uma opção interpretativa dos acontecimentos, não deve inutilizar a produção como elemento de difusão de um tema ainda muito incipiente na academia.

No processo de divisão dos capítulos, busco estabelecer a formação étnica e territorial da Síria, passando pela conexão fundamental entre o que o país representa na atual correlação de forças da região e desembocando na destruição de uma importante cidade do ponto de vista da proteção do Patrimônio. Estabelecer esta intersecção não foi tarefa das mais simples, por tanto, um aprofundamento dessa dinâmica pode ser melhor realizada com o desenvolvimento deste trabalho a posteriori.

No primeiro capítulo buscamos explicar a formação territorial síria a partir do acordo de Sykes-Picot que dividiu a região em mandatos franceses e britânicos. Essa junção territorial feita de modo absolutamente aleatório contribui para explicar parte importante dos permanentes conflitos nacionais que disso foram produzidos. Essa chave de leitura coloca as intervenções ocidentais no centro dos acontecimentos quanto as possíveis influências políticas para a toda região do Oriente Médio. Com a Síria, não foi diferente, sendo dirigida por um mandato francês que durou até o ano de 1943, mas de fato até 1946.

No segundo capítulo apresento a ideia de que há dois campos fundamentais em disputa na região do Oriente Médio e que a Síria é hoje o principal cenário desta concorrência. Esse caminho de explicação, defendido principalmente por Salem Nasser, mesmo que contenha lacunas do ponto de vista interpretativo, me parece o melhor

mecanismo para entender a geopolítica regional. Os próximos anos devem demonstrar a correção ou não desta assertiva, motivo de polêmicas frequentes entre as correntes políticas aqui no Brasil. Infelizmente este aspecto não pode ser melhor desenvolvido e explicado devido aos objetivos do trabalho que tem como principal foco a questão da destruição do patrimônio da cidade síria de Palmira.

Ainda sobre o Brasil, local de uma das maiores comunidades árabes no mundo, em especial de libaneses e sírios, respectivamente, a discussão apresentada neste trabalho pode contribuir para uma maior visibilidade deste segmento no território nacional. Mesmo que grande e relativamente influente em alguns Estados, a Síria permanece desconhecida para a maioria dos brasileiros.

Foi possível também apresentar outra perspectiva para os conflitos regionais, particularmente o sírio, no que tange a leitura a partir da chave sectária. A questão religiosa, por tanto, é uma constante na região, mas os interesses, políticos, econômicos e territoriais não estão submetidos a este tipo de interpretação. Sunitas e Xiitas são uma bifurcação na interpretação do Islã, mas politicamente podem estar próximos ou distantes independentemente deste aspecto.

Por fim, penso que foi possível desvelar as relações entre a destruição e a necessidade da proteção do patrimônio histórico de Palmira, enquanto elemento de identidade nacional síria, no contexto do conflito atual, combinando com a explanação dos motivos que levaram os grupos terroristas a usarem de semelhante estratégia em combate. A primeira retomada da cidade demonstrou parte dos estragos causados pelo *Daesh* e a imediata tentativa de recuperá-los e torna-los visitáveis novamente para a comunidade internacional. Infelizmente, como expliquei durante o último capítulo, ainda não foi possível fazer um novo balanço da retomada da cidade após a segunda temporada em que esteve sob administração do grupo jihadista,

Esperamos, por tanto, que este trabalho possa contribuir para ampliar e fomentar mais discussões acerca do tema, de modo a apresentar difundir a história e a cultura do povo sírio para o ocidente. Reiteramos que, a reunião dos materiais bibliográficos aqui utilizados tentou buscar uma construção de linguagem e narrativa que permitisse a observação do problema a partir de outra perspectiva. Contudo, seria de grande presunção, logo, não foi objetivo do mesmo esgotar o tema, nem mesmo nos seus aspectos mais superficiais.

Essa discussão deve manter-se de modo permanente, mesmo porque o seu desenrolar decisivo ainda não foi totalmente construído e novas questões e desdobramentos devem aparecer. Evidentemente que

as marcas dessa guerra demorarão, assim como outras passadas, de serem superadas pelos habitantes deste pequeno e importante país do Oriente Médio. Desejamos apenas que este se apresse de modo a preservar vidas e que o país possa retomar o quanto antes a rotina e o diálogo tragam a paz para que crianças e adultos possam viver dignamente, em comunhão, de maneira autodeterminada e fraterna, sem intervencionismo de nenhuma espécie.

REFERÊNCIAS

AGENCIA ANSA. **Guerra já deixou ao menos 300 mil mortos na Síria**, diz ONG de direitos humanos. 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.abc.com.br/internacional/noticia/2016-09/guerra-ja-deixou-ao-menos-300-mil-mortos-na-siria-diz-ong-de-direitos> Acesso em: 30.04.2016

AGENCIA SPUTNIK. **Da “Primavera Árabe” para o “Outono Árabe?”** 2011. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/2011/12/28/63054901/> Acesso em: 18.03.2012.

BLOG, Elijah J M. **Por que o Hezbollah está na Síria e até quando?** Traduzido por Vila Vudu. 2016. Disponível em: <http://www.orientemidia.org/por-que-o-hezbollah-esta-na-siria-e-ate-quando/> Acesso em: 22.05.2015.

CENTRO DE ESTUDOS INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. **Palmira, outra vez?** O que motiva o Daesh, apesar das perdas. Disponível em: <http://blog.cei.iscte-iul.pt/palmira-outra-vez-o-que-motiva-o-daesh-apesar-das-perdas/> Acesso em: 30.10.2016

CILIA. Gustavo Bianezzi. **O Inverno da Primavera Árabe?** 2012. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniao/22416/o+inverno+da+primavera+arabe.shtml> Acesso em: 30.03.2016

COGGIOLA, Osvaldo. **O islã histórico, e o islamismo político**. São Paulo: Instituto de cultura árabe, 2007.

CHOMSKY, Noam. **Novas e Velhas Ordens Mundiais**. São Paulo: Ed. Scritta, 1996.

CLEMESHA, Arlene. **#EuApoioOperaMundi**. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EbcQT8bgVEY> Acesso em: 13.05.2015.

DEROLLE, Patrícia Galves. **Surgimento do nacionalismo árabe:** contextos e perspectivas. 2015. Disponível em: <http://e->

internacionalista.com.br/2015/02/19/surgimento-do-nacionalismo-arabe-contextos-e-perspectivas/ Acesso em: 13.05.2015.

DIRGHAM, Susan. **Valorando el laicismo en Síria**. 2014. Disponível em: <https://laicismo.org/2014/valorando-el-laicismo-en-siria/75803> Acesso em: 03.03.2015.

DNI24.COM. **A maioria dos russos concorda com a decisão de Putin para bombardear os terroristas na Síria** (Tradução livre). 2015. Disponível em: <http://dni24.com/politics-of-ukraine/54323-bolshinstvo-rossiyan-soglasny-s-resheniem-putina-bombit-terroristov-v-sirii.html> Acesso em: 09.06.2015.

ECHEVENGUÁ, Ana. **A água (que ninguém vê) na guerra**. 2009. Disponível em: <http://sanambiental.blogspot.com.br/2009/01/?m=0> Acesso em: 30.05.2016

ESQUERDA.NET. **Tunísia dá início à Primavera Árabe**. 2011. Disponível em: <http://www.esquerda.net/dossier/tun%C3%ADsia-d%C3%A1-in%C3%ADcio-%C3%A0-primavera-%C3%A1rabe> Acesso em: 02.05.2015.

FEMMINE, Laura Delle. **El número de refugiados sirios supera los cinco millones, según la ONU**. Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2017/03/30/actualidad/1490868402_178024.html Acesso em: 22.03.2017

FERABOLLI, Silvia. **Relações internacionais do Mundo Árabe (1954-2004): os desafios para a realização da utopia pan-arabista**. In: Contexto int., Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 63-97, jun. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292007000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02.04.2015.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais Ltda. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/48811146/Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva> Acesso: 30.10.2016

MEYSSAN, Thierry. Disponível em:

<http://www.orientemidia.org/documentos-revelam-o-apoio-israelense-ao-estado-islamico-na-siria> Acesso em: 10.10.2015.

MORAIS, Abel Coelho de. **O ditador que conseguiu sobreviver a cinco anos de guerra.** 2016. Disponível em:

<http://www.dn.pt/mundo/interior/o-ditador-que-conseguiu-sobreviver-a-cinco-anos-de-guerra-5075443.html> Acesso em: 03.07.2014.

MOVIMENTO PELOS DIREITOS DO POVO PALESTINO E PELA PAZ NO ORIENTE MÉDIO (MPPM). **100 anos do acordo Sykes-Picot: um século de ingerência e prepotência ocidental.** 2016.

Disponível em: <http://www.mppm-palestina.org/index.php/comunicados/456-comunicado-102016> Acesso em: 02.10.2015.

MOURENZA, Andrés. **Turquía amenaza a la UE con abrir las fronteras a los refugiados si continúan las críticas.** 2016. Disponível em:

http://internacional.elpais.com/internacional/2016/11/25/actualidad/1480064543_937083.html Acesso em: 10.05.2016

NAÇÕES UNIDAS. **Palmira ainda preserva ‘boa parte’ de seu patrimônio cultural.** 2016. Disponível em:

<https://nacoesunidas.org/palmira-ainda-preserva-boa-parte-de-seu-patrimonio-cultural-destaca-unesco-apos-visita-ao-local/> Acesso em: 02.03.2015.

_____. **Cinco anos de conflito na Síria: crise de refugiados e deslocados clama por solidariedade.** 2016. Disponível em:

<https://nacoesunidas.org/cinco-anos-de-conflito-na-siria-crise-de-refugiados-e-deslocados-clama-por-solidariedade/> Acesso em: 10.04.2017.

NASSER, Salem. **Uma linha na areia.** 2016. Disponível em:

<http://www.icarabe.org/noticias/uma-linha-na-areia> Acesso em: 21.10.2016.

_____. **Seminário O futuro do Estado Islâmico.** 2015.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kwQbQdH_mXM Acesso em: 09.07.2015.

_____ **Espaço Público recebe Salem Nasser.** 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5n0BzZ_I3Pk Acesso em: 09.07.2015.

_____ **Crise Síria: Debate no Globo News Painel com o Prof. da FGV DIREITO GV Salem Nasser – parte 2.** 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4JV9j07027g> Acesso em: 06.06.2013.

NASSER, Salem. CUKIER, Heni Cukier. CHOEFI, Osmar. DEMANT, Peter. **Seminário Chacina na Síria.** 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jZ3NZrBLFlg> Acesso em: 01.03.2014.

NASSIF, Luís. **A independência da Síria, em 1946.** 2012. Disponível em: <http://jornalgnn.com.br/blog/luisnassif/a-independencia-da-siria-em-1946> Acesso em: 12.01.2015.

NOVAIS, Vera. **Estado Islâmico destrói patrimônio histórico de Nínive.** 2016. Disponível em: <http://observador.pt/2016/04/18/estado-islamico-destroi-patrimonio-historico-ninive/> Acesso em: 10.05.2016

OBSERVATÓRIO SÍRIO PARA OS DIREITOS HUMANOS. Ano desconhecido. Disponível em: http://www.syriaahr.com/en/?page_id=1030 Acesso em: 10.08.2016

PIRALIAN, H. (2000). Genocídio y transmisión. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura. IN: RICOEUR, Paul. **Memória, História e Esquecimento.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** 1ª Edição. São Paulo: Editora WMF Martins e Fontes, 2010.

SAID, W. **Orientalismo: O oriente como invenção do ocidente.** Tradução Rosaura Eichenberg – 1ª Ed – São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.

SACHS, Jeffrey. **Valor Econômico: Como deixar de alimentar o terrorismo.** 2015. Disponível em:

<<http://www.valor.com.br/opiniaio/4323276/como-deixar-de-alimentar-o-terrorismo>> Acesso em 31.01.2016.

SANCHA, Natalia. **Cerca de 80% das ruínas de Palmira estão em bom estado**, diz Síria. 2016. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/28/internacional/1459181005_729840.html Acesso em: 08.02.2017

UNESCO. **40th session of the Committee**. Tradução Livre. 2016. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/sessions/40com> Acesso em: 10.12.2016